
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

FRANZ FISCHER

**ESTADOS EMOCIONAIS E EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR: CONSIDERAÇÕES INICIAIS À LUZ DE
UMA PSICOLOGIA BIOECOLÓGICA**



Rio Claro
2009

Franz Fischer

ESTADOS EMOCIONAIS E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONSIDERAÇÕES
INICIAIS À LUZ DE UMA PSICOLOGIA BIOECOLÓGICA

Orientador: Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –
Campus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Bacharel em Educação Física.

Rio Claro
Estado de São Paulo – Brasil
2009

796.01 Fischer, Franz
F529e Estados emocionais e educação física escolar : considerações iniciais
à luz de uma psicologia bioecológica / Franz Fischer. - Rio Claro : [s.n.],
2009
63 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Educação física) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Afonso Antonio Machado

1. Esportes - Aspectos psicológicos. 2. Educação física escolar. 3.
Estados emocionais. 4. Psicologia bioecológica. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedicatória

Dedico este trabalho à Deus Pai pois só ele é o caminho; aos meus pais, que me ensinaram a sempre escolher o caminho certo, às minhas irmãs, em especial Nana pelo companheirismo e amor dedicado a mim, ao Lê meu cunhado querido e a todos os que de alguma forma contribuíram para mais uma vitória.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus, pai, pela minha vida e pela luz depositada em meu caminho, sem o apoio dele nada chega a lugar nenhum.

Minha mãe por ser essa guerreira que me ensinou os verdadeiros valores da vida, e me manteve com muita luta e sacrifício no caminho do bem. Meu pai por ser um grande homem, honesto e que apesar da distância sempre me mostrou valores essenciais na vida de um homem e que apesar das diferenças me dá muito amor e carinho.

Tata minha linda, que é sem dúvida minha segunda mãe e que me apoiou nos momentos mais difíceis, e riu comigo nas maiores trapalhadas.

Nanico, que tem um coração imenso e se tornou mais que um cunhado, quase um pai pra mim.

A minha primeira moradia em Rio Claro, Rep. Caxa Baxa, Lê, Léo, Eli e Dé, que fizeram com que o primeiro ano por aqui fosse muito mais fácil, uma amizade e companheirismo que dificilmente vou encontrar em outro canto, já que formamos uma nova família naquela casa.

Aos grandes amigos da Rep. Vegas que tornaram momentos tristes em grandes piadas, que brigaram muito, mas que se divertiram muito, muito obrigado ao Duah, Xande, Bera e Hamtaro, pois sem a ajuda de vocês eu não teria crescido e amadurecido tanto nesses anos.

Ao Goldpirse Amagaluvers Gosmatchevers, que me deu o verdadeiro sentido do amor sem interesse, o cachorro mais lindo do mundo que me divertiu muito, me arrancando sorrisos, quando eu menos queria sorrir, principalmente com as besteiras que ele faz.

Ao pessoal do 4ºBEF, que se tornou uma grande família, já que passávamos mais tempo juntos, do que com nossas famílias, especialmente Pilla, PC, Mangava, Bundão, Gui, Gustavão, Enthoni, Duah, Xande, Hamtaro, Marcão e Tikinha, que com certeza apesar da distância de nossas vidas, estarão sempre nas minhas lembranças.

Ao Paulão, companheiro de tantas risadas e horas de academia sem muito que fazer.

Ao pessoal do LEPESPE, principalmente os antigos, Marcelo, Rafa, Mauro, Lucas, Ricardo e Thiago, por me ensinarem como encarar um grupo de estudos tão qualificado como o nosso.

Ao meu querido amigo e professor Dr. Afonso Antonio Machado, que além de orientador se tornou um grande amigo, só me resta agradecer pela paciência e confiança, pela parceria que terá muitos frutos ainda, pelo tempo disponibilizado aos meus problemas de graduação, sentimentais, emocionais, enfim grande amigo muito obrigado.

Não podia terminar sem agradecer a todos os professores e funcionários do Departamento de Educação Física, já que sem eles eu não teria alcançado esse objetivo.

Obrigado a todos!!!

FISCHER, Franz. ESTADOS EMOCIONAIS E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONSIDERAÇÕES INICIAIS À LUZ DE UMA PSICOLOGIA BIOECOLÓGICA. Rio Claro: DEF-IB-UNESP (monografia), 2009. [Orient. Afonso Antonio Machado]

A Educação Física Escolar, entre outros objetivos, deve propiciar o desenvolvimento afetivo-social de seus alunos, e dentro desse domínio encontramos os estados emocionais, freqüentemente pouco explorados nessas aulas. Sabemos que a atividade física, em qualquer âmbito, atua sobre o indivíduo, modificando seus componentes físicos, motores, sociais, psicológicos e afetivos. Sendo assim, através desse estudo buscamos analisar qual importância tem sido atribuído ao desenvolvimento afetivo-emocional nas aulas de Educação Física, em que contexto se manifestam as emoções (em particular o medo, ansiedade, autoconfiança, vergonha, motivação, e agressividade) durante as aulas, e como esse trabalho tem sido desenvolvido pelos professores, sugerindo também algumas formas de atuação para os mesmos. Para isso, foram entrevistados alunos e professores de Educação Física de duas escolas públicas de Rio Claro. Após a análise e discussão dos dados, somados à revisão de literatura, ficou evidente que o trabalho das emoções dentro do ambiente escolar tem sido pouco explorado e que há uma grande dificuldade dos professores em incluir o desenvolvimento emocional em seus conteúdos, objetivos e metodologias. Sugerimos então uma maior estruturação nas grades curriculares vigentes, visando um melhor preparo dos profissionais licenciados com relação à parte emocional de seus alunos, tornando-se parte deste currículo a disciplina de psicologia do esporte, já poderíamos observar algumas mudanças no modo de como o profissional encara as emoções e a presença delas em sua aula. Outro importante ponto observado foi a diferença de linguagem de professor e aluno, fato este que distancia o professor de seu aluno, talvez uma reciclagem periódica destes profissionais seria um ponto a ser pensado, para que estes possam cada vez mais se aproximar da linguagem, das manias e dos assuntos de seus alunos, facilitando a interação entre eles.

Palavras-chaves: Educação Física Escolar, emoções, desenvolvimento humano.

Sumário

	Página
1. INTRODUÇÃO.....	01
2. JUSTIFICATIVA.....	03
3. OBJETIVOS.....	03
4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	04
4.1. Definição de Emoções.....	04
4.2. Emoções e Educação.....	05
4.3. Relação com a Educação Física.....	08
4.4. Caracterizando as Emoções.....	10
4.4.1. O Medo.....	11
4.4.2. A Ansiedade.....	13
4.4.3. A Vergonha.....	15
4.4.4. A Motivação.....	16
4.4.5. A Agressividade.....	18
4.5. Relação professor-aluno.....	21
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
5.1. Instrumento.....	24
5.2. Participantes.....	24
5.3. Análise de Dados.....	24
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	25
7. CONCLUSÃO.....	44
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
9. ANEXO.....	50

1- Introdução

A Educação Física, como um componente educacional, se relaciona com os aspectos fundamentais do ser humano, contribuindo assim para a sua formação nos diferentes domínios: cognitivo, afetivo-social e motor. Dessa forma, através das atividades propostas, deve propiciar a formação integral do indivíduo.

Em seus objetivos, além do desenvolvimento e conhecimento motor e físico, inclui-se também o desenvolvimento da capacidade de transformação pessoal e social, o que muitas vezes é esquecido. Marinho (1993 apud SCHREIBER et al, 2005) afirma que as atividades de Educação Física podem atuar no comportamento do aluno, nas suas atitudes e até mesmo em sua personalidade.

Através do movimento, da manipulação de objetos, da descoberta do próprio corpo (de suas necessidades e emoções), a criança percebe e integra conceitos, relacionamentos de espaço-tempo-forma, organiza seu esquema corporal e modifica hábitos e sentimentos. Além disso, o movimento e a linguagem corporal permitem ao ser humano se comunicar e expressar suas emoções, o que atribui à Educação Física uma responsabilidade ainda maior sobre o desenvolvimento emocional dos alunos, já que nessas aulas o corpo se apresenta com maior liberdade, diferente das outras disciplinas, nas quais os alunos encontram-se “presos” em suas carteiras e impossibilitados de se expressarem. Além disso, as diversas situações presentes nessas aulas favorecem o surgimento dos mais diferentes processos emocionais.

A escola como instituição educadora deveria propiciar também o desenvolvimento afetivo-social do aluno (sentimentos e emoções), e a Educação Física Escolar, juntamente com as outras disciplinas, desempenha um importante papel nesse ponto, já que de acordo com inúmeros autores o conteúdo emocional pode ser estimulado através de “*treinamento, de desenvolvimento e de educação*”. (MOSCOVICI, 1997 apud PRODÓCIMO, 2002).

Segundo Gudín (2001) os processos afetivos podem ser moldados e educados, ou

seja, os sentimentos pessoais podem ser potencializados ou inibidos, porém nunca devem ser ignorados e sim, favorecer nossas ações. As operações emocionais devem ajudar a operação racional, ou seja, o homem em sua atuação necessita da cooperação do que sente.

Dessa forma, acreditamos que para o processo de ensino e aprendizagem, os comportamentos desse domínio são importantes, uma vez que aspectos como motivação, interesse, responsabilidades, cooperação e respeito ao próximo, além da manifestação de diferentes emoções como vergonha, medo, ansiedade, agressividade, auto-estima, confiança etc. estão presentes e devem ser trabalhados convenientemente, pois as dificuldades e sucesso da aprendizagem estão associados a diversos fatores, dentre eles os fatores emocionais.

Por isso, torna-se essencial a discussão sobre as emoções e a importância do ensino e da educação (de forma geral) para um maior conhecimento e controle emocional dos alunos. Nesse trabalho, levantamos questões referentes a alguns estados emocionais e sua relevância na Educação Física Escolar, bem como o desenvolvimento dessas emoções através dos conteúdos propostos, metodologias utilizadas e postura adotada pelo professor frente aos alunos. Discutimos comportamentos como o medo, ansiedade, autoconfiança, vergonha, motivação e agressividade nas aulas de Educação Física Escolar, abordando conceitos e definições de cada um desses estados, pontuando as possíveis causas de sua manifestação durante as aulas e atribuindo sua importância na educação escolar.

2- Justificativa

O presente estudo pode oferecer maiores subsídios para a ação docente na Educação Física Escolar, uma vez que o desenvolvimento emocional se apresenta tão importante quanto o desenvolvimento dos outros domínios do ser humano, porém pouco explorado.

O conhecimento do funcionamento das emoções, isto é, a compreensão de seu mecanismo de ação, de sua interferência na aprendizagem e das formas de manejo das mesmas, pode representar para o professor uma possibilidade de equilíbrio diante das reações emocionais de seus alunos. Dessa forma, ele poderá observá-las, lê-las e interpretá-las.

A atuação de profissionais na área pode se tornar mais eficiente, eficaz e enriquecedora, se atribuída a devida importância aos fatores emocionais no processo de ensino - aprendizagem na Educação Física Escolar, considerando, para isso, tanto a influência desses fatores na aprendizagem, quanto o desenvolvimento dos mesmos, através das aulas de Educação Física.

3- Objetivos

Este estudo tem por interesse:

- Identificar em que contexto ocorre a manifestação dos estados emocionais na Educação Física Escolar, especificamente do medo, ansiedade, autoconfiança, vergonha, motivação, e agressividade na situação de aula.
- Verificar a intervenção docente quando da manifestação desses estados.
- Analisar a visão de alunos e professores em relação às emoções e a Educação Física.
- Sugerir, aos professores, algumas formas de atuação, no desenvolvimento emocional de seus alunos.

4- Revisão Bibliográfica

Nosso estudo teórico terá como estofo a literatura nacional e internacional adotada para o estudo dos estados emocionais, dando preferência àquilo que mais se aproximar do esporte como um fenômeno espetacular, que leva multidão aos campos ou a frente de órgãos midiáticos, para acompanhá-lo. Esta escolha se deu em função de procurarmos tratar do fenômeno esportivo com a propriedade adequada aos movimentos humanos de repercussão no século XXI.

4.1- Emoções: O que são?

Os aspectos psicossociais e emocionais do ser humano, assim como outros aspectos, são fundamentais na determinação da qualidade de vida e na relação do indivíduo com o mundo. O controle e a estimulação devida de determinadas emoções e sentimentos são de suma importância para o bem-estar do indivíduo, e a educação escolar pode propiciar essas ações.

Mas, o que é uma *emoção*?

Boutcher (1991 apud REBUSTINI et al., 2005) define a emoção como um processo complexo que possui componentes cognitivos, psicológicos, comportamentais e experimentais, e diz que a emoção é um fenômeno multidimensional que exerce inúmeras influências sobre o funcionamento humano. As conseqüentes reações impostas pela emoção acarretam em melhoria ou não da condição do indivíduo.

De acordo com Machado e Calabresi (2003) uma emoção é provocada por um estímulo externo. Estes autores ainda abordam que uma função relevante da emoção é seu efeito regulador sobre o comportamento. As emoções influenciam nossa ação como reação e estímulo desencadeantes da ação, e as emoções provocam ações com objetivos de diminuição da tensão emocional.

Kleniginna e Kleniginna (apud BOUTCHER, 1991) citados por Rebustini et al. (2005) definem o termo de uma forma multidimensional:

Emoção é um complexo de interações entre fatores subjetivos e objetivos, mediada pelo sistema neural/hormonal o qual pode (a) elevar as experiências afetivas como as sensações de ativação, prazer/desprazer; (b) processos cognitivos gerais como a percepção dos efeitos de emoções relevantes; (c) ativação expressiva dos ajustamentos fisiológicos para condição de ativação; e (d) conduz ao comportamento freqüente, mas não permanente, expressivo, objetivo e de adaptação. (p.800).

Lelord & André (2002) entendem a emoção como uma reação súbita de todo nosso organismo, com componentes fisiológicos (o nosso corpo), cognitivos (o nosso espírito) e comportamentais (as nossas ações).

Para Thomas (1983) é evidente que as emoções influenciam a ação, regulando-a dirigindo-a e modificando-a, sendo em troca, também influenciadas pela ação. As emoções podem determinar a ação de forma positiva, ativando e dirigindo as atividades da ação para se alcançar o objetivo, porém também podem perturbar ou inibir a ação.

Dessa forma, o controle emocional é essencial para a vida. Saber expressar tanto emoções positivas quanto negativas auxilia o convívio do indivíduo com seu meio social. A repressão de emoções, principalmente negativas, pode tornar o sujeito mais pessimista, depressivo, inseguro, dificultando seus relacionamentos interpessoais.

Devido às inúmeras definições encontradas para o termo existem muitas divergências entre os autores. Para alguns a reação é o componente principal da emoção, para outros esse componente é formado pelas percepções das situações ou efeitos da emoção sobre o organismo. O fato é que as emoções, de uma forma ou de outra, estão presentes diariamente nas nossas vidas e desempenham um papel importante no nosso comportamento.

4.2 Emoção e Educação

Nossos processos emocionais, durante toda a vida, são moldados, estimulados e inibidos de acordo com o contexto e ambiente em que vivemos. A família e a escola, com certeza, são responsáveis por boa parte dessa formação emocional, pois nesses ambientes sofremos influências de diferentes agentes: pais, colegas, professores etc. e nessas relações sociais as emoções são modificadas, transformadas, através das trocas e interações que se

dão entre os indivíduos.

Durante o desenvolvimento das emoções o contexto familiar é essencial, pois é o primeiro ambiente de convívio da criança. Desde o nascimento são atribuídas aos indivíduos emoções diretamente ligadas ao seu gênero e este fato pode ter forte interferência nas relações futuras deste indivíduo com o mundo. Por exemplo, as meninas são tratadas como mais sensíveis, mais ansiosas, mais carinhosas, os meninos como mais agressivos, mais fortes, e esses estereótipos culturais são atribuídos ao longo dos anos.

De acordo com Braconnier (1996) muitos estudos, com diferentes faixas etárias, demonstraram essa diferenciação entre as emoções apresentadas por cada gênero. Desde o tipo de brincadeira escolhida por cada grupo até a convivência com companheiros do mesmo sexo influenciam no desenvolvimento emocional do indivíduo. Para este autor, o peso da educação e dos estereótipos culturais reforça a diferença da manifestação das emoções entre os sexos e atualmente deve-se buscar uma maior homogeneidade dos princípios educativos e das normas sociais.

Estudos comprovaram que a diversificação das atividades e a co-educação pode ser um caminho para o trabalho das emoções, já que as crianças sofrem grande influência dos estereótipos culturais já citados, e as próprias aderem a essas representações sociais. A convivência com crianças do mesmo sexo reforça e consolida certas emoções não permitindo o desenvolvimento de emoções atribuídas ao outro sexo. Por isso, é de suma importância que as crianças dos dois sexos sejam educadas em conjunto, que participem das mesmas brincadeiras e façam parte do mesmo grupo de amigos, cabendo aos pais e aos professores permitirem e estimularem essa interação.

Os fatores afetivo-emocionais possuem uma grande influência na vida do ser humano. Alguns são passageiros, porém outros são duradouros e podem interferir até mesmo no processo de ensino-aprendizagem, por isso a educação familiar é um fator crucial.

A família é o primeiro vínculo afetivo e social da criança e a “matriz dos pré - requisitos necessários para a aprendizagem e adaptação escolar”(FICHTNER apud SCOZ, 1987). Por exemplo, a dependência extrema dos filhos dificulta sua individualização e isto prejudica seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor. Pais excessivamente severos nas punições e nas exigências podem provocar uma diminuição na auto-imagem do aluno e

uma ansiedade diante do medo de fracassar. Já pais encorajadores, estimulam seus filhos a serem mais confiantes e ultrapassarem suas dificuldades.

Todos esses sentimentos são transferidos diretamente para o meio escolar, influenciando no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, a escola representa um segundo vínculo afetivo da criança, interferindo diretamente no seu comportamento emocional.

De acordo com Arruda (2003) o ambiente escolar é um laboratório de vivências para a infância e juventude, nele estão refletidos todos os padrões de experiências emocionais - de amor, ódio, cooperação, competição, medo, raiva, amizade – que delineiam a formação emocional das pessoas.

Segundo Sisto et al.(1996) a experiência escolar tem grande influência na imagem que a criança faz de si mesma. À medida que a escola rotula suas experiências de fracasso, por exemplo, provoca um número maior ainda de decepções. Muitas crianças acabam apresentando falta de segurança, inibição, falta de interesse pela escola, desencadeando em uma diminuição da auto-imagem e auto-estima, em isolamento muito grande da criança ou em comportamentos agressivos com companheiros e professores.

Isso significa que a escola não só tem potencial para trabalhar com os sentimentos, como também para incluí-los em seu contexto, nas metodologias adotadas e nos conhecimentos transmitidos.

A sala de aula é uma ambiente onde as emoções se expressam. Como em qualquer outro meio social, existem diferenças, conflitos e situações que provocam os mais variados tipos de emoção, sendo assim cabe ao professor administra-las e coordena-las. É preciso encarar o aspecto afetivo como parte do processo de conhecimento, já que ambos são inseparáveis. A escola ignora a articulação entre os aspectos afetivos, cognitivos e motor nas atividades escolares. Na sala de aula, os aspectos afetivos e motor são considerados estanques, sem nenhuma relação com o processo de conhecimento (ALMEIDA, 2001).

Segundo Friedrich & Preiss (2006) quando as informações são marcadas pelo sistema límbico, controlador das emoções, fixam-se na memória de forma bastante duradoura e são reativadas com mais facilidade. Em conjunto, os sentimentos podem estimular o aprendizado, intensificando a atividade de redes neurais e fortalecendo suas conexões sinápticas. Quando o aluno se sente afetivamente protegido, mas também

desafiado a aprender, ocorrem mudanças químicas em sinapses que facilitam o acolhimento e a reconstrução das informações adquiridas.

Esses autores ainda dizem que, quando o ambiente de ensino é emocionalmente agradável, a aprendizagem se torna melhor, pois o objeto de aprendizado apresenta conteúdo emocional, utilizando-se deste e de outros recursos o educador pode causar maiores impressões no aluno, incentivando assim sua aprendizagem.

Assim, se torna clara a importância das emoções na educação escolar, inclusive como facilitadoras da aprendizagem. Por isso, a escola, tendo uma função educadora, deve desenvolver e envolver convenientemente os processos emocionais, através de atividades e condutas que estimulem o trabalho e a manifestação adequada das emoções. Dessa forma, desde o conteúdo proposto até a relação entre professor e aluno podem propiciar e auxiliar o desenvolvimento do domínio afetivo-social das crianças.

4.3- E a Educação Física com isso?

A aprendizagem ocorre da integração entre corpo e mente, por isso movimento e emoção são considerados, por muitos estudiosos, os pilares da educação. A Educação Física tem como principal objetivo o movimento humano nas suas diferentes manifestações. Porém, nenhum movimento ocorre sozinho, toda ação tem uma intenção seja ela expressiva ou funcional, não podemos ignorar as múltiplas dimensões do ato motor. Emoção e movimento apresentam uma relação de reciprocidade, assim a atividade do tônus muscular permite, além da exteriorização dos estados emocionais, a tomada de consciência dos mesmos pelo sujeito (ARRUDA, 2006).

Para Almeida (2001), o corpo é, por assim dizer, o instrumento de trabalho das emoções. Ele tem a propriedade de absorver as formas imprimidas pela emoção. Portanto, com essa sensibilidade para expressar as reações de ordem afetiva, o corpo assume a função de veículo das emoções no meio social. Essa autora ainda cita que, de acordo com Wallon (1971) os movimentos, como expressões de natureza afetiva, podem gerar emoções e ser resultado delas. Os movimentos podem ser indicadores de estados emocionais que devem ser levados em conta no contexto de sala de aula, tanto o excesso quanto a ausência deles podem revelar a presença de determinadas emoções.

Dessa forma, a Educação Física representa um enorme campo de manifestação das emoções, uma vez que trabalha com a educação do movimento, pelo o movimento e para o movimento. Além disso, o esporte é capaz de promover a manifestação e surgimento de diversas emoções em todos os envolvidos nesse fenômeno.

De acordo com Thomas (1983) pode-se constatar que o esporte representa um campo de ação rico em processos emocionais onde as emoções podem alcançar intensidades extremamente elevadas. Isso se aplica tanto ao esporte de competição de alto nível como á Educação Física ou ao esporte de lazer. A forma específica da personalidade da vivência e absorção das emoções, a importância do objetivo da ação almejada, a situação da ação e a avaliação subjetiva dos resultados da ação determinam o tipo e a intensidade dos processos emocionais ocorrentes.

Para o mesmo autor, a Educação Física oferece possibilidades de vivenciar processos emocionais e de aprender a manejá-los, por isto vem ser um importante campo de aprendizagem, dificilmente aplicado a outras áreas escolares, e que ainda é pouco explorado. Como já discutido, as atividades propostas nas aulas podem afetar e modificar os comportamentos e atitudes frente às situações e até mesmo a personalidade dos alunos.

Por se tratar de um ambiente que envolve diversas interações entre alunos, alunos e professor, atividades em e entre equipes, alcance de metas e objetivos as aulas de Educação Física propiciam a manifestação de diferentes estados emocionais, que muitas vezes interferem no comportamento do aluno, impedindo-o até mesmo de realizar essas atividades.

No tratamento dos processos emocionais pensa-se que as ocorrências se sucedem somente no próprio indivíduo, de modo que são importantes apenas para quem vivencia as emoções. Esquece-se de que os processos emocionais, muitas vezes, só ocorrem em situações em que haja interações entre várias pessoas, cujo comportamento pode influenciar a mencionada situação (THOMAS, 1983, p. 187). Isso é o que geralmente ocorre nas aulas de Educação Física, onde as relações pessoais se tornam mais presentes, o julgamento e avaliação social se tornam mais claros e as ações realizadas por um aluno mais evidentes para os outros alunos.

A capacidade de manter suas ações sob controle, mesmo com o aparecimento de ocorrências totalmente inesperadas, saber reagir de forma adequada á situação e aos fatos,

sem perder a capacidade de ação pelas intensas emoções, deve ser aprendida, ainda assim, depois de prolongados processos de aprendizagem e experiência, pode ser bastante incompleta. Controlar cognitivamente as emoções, ou seja, aprender a ver as situações sob diferentes ângulos e criar estratégias de pensamento, podem influenciar positivamente os processos emocionais e limitar essas reações.

Assim, o professor deve interferir e trabalhar com o desenvolvimento emocional durante as atividades, motivando o aluno a tentar, tornando a atividade prazerosa e incentivando o respeito entre os alunos, não permitindo que, por exemplo, o erro de um aluno seja motivo de vergonha para o mesmo. Além disso, as condutas e atitudes desenvolvidas no esporte escolar desempenham um papel fundamental, não só no ambiente esportivo, mas em outros meios de convivência do aluno.

É papel do professor de Educação Física compreender o aluno na sua dimensão humana, na qual tanto os aspectos intelectuais quanto os aspectos afetivos estão presentes e se interpenetram em todas as manifestações do conhecimento. Portanto, deve possibilitar ao aluno o desenvolvimento pessoal juntamente com o desenvolvimento físico, motor e cognitivo.

4.4- Características das emoções e possibilidades da Educação Física Escolar

A ação esportiva, tanto escolar quanto competitiva, propicia a manifestação de diversas emoções. O simples fato de ouvir, por exemplo, um jogo de futebol pelo rádio desperta diferentes sensações em seus ouvintes. No decorrer do jogo, o narrador é capaz de transmitir ansiedade, agressividade, estresse, angústia aos que estão escutando o evento esportivo. O mesmo ocorre em aulas de Educação Física, onde o aluno ao se expor aos colegas, durante a realização de um exercício, por exemplo, manifesta diversos sentimentos, como a vergonha, medo de errar entre outros.

Classificar os processos emocionais é um trabalho difícil, uma vez que vários autores apresentam distintos critérios para isso. Utilizaremos aqui a forma sugerida por Krech/ Crutchfield (1986 apud THOMAS, 1983) que classificam as emoções de acordo com as características típicas da situação em que se baseiam. As emoções estudadas nesse trabalho são classificadas da seguinte forma:

- Sentimentos primários: medo (ansiedade);

- Sentimentos com base na auto-avaliação: vergonha, autoconfiança;
- Sentimentos dirigidos a outras pessoas: agressividade; disposição; motivação.

A seguir, baseados em diferentes autores, definimos e discutimos cada um desses estados emocionais, analisando sua importância e sua influência na ação esportiva, bem como o papel da Educação Física Escolar no trabalho e desenvolvimento dos mesmos.

4.4.1- O medo

O medo é caracterizado como uma emoção fundamental (primária) e de perigo, de forte impacto fisiológico (ativa o sistema nervoso simpático e aumenta os níveis de adrenalina e noradrenalina), que prepara o indivíduo para uma ação física, e muitas vezes é uma emoção inconsciente. O medo apresenta uma dupla contrariedade: não ter medo suficiente torna a vida muito arriscada, mas o medo em excesso também limita as probabilidades de sobrevivência. Mais que um estado de espírito, o medo é químico. Desde que seja real e direto, é perfeitamente normal e ajuda a nos protegermos.

O medo surge frequentemente em contextos sociais onde não se pode simplesmente fugir da fonte de medo, e ameaça não o bem-estar individual (a integridade do ser como um organismo), mas o bem-estar social (a integridade do ser relativamente à posição dos outros). A sua causa deve ser entendida dentro do contexto em que essa emoção surge.

A origem do medo está associada à insuficiência de poder ou excesso de poder dos outros. A crença que a falta de poder do sujeito resulta das suas próprias incapacidades é concomitante com um sentimento de impotência ao qual se encontra associada a fuga como comportamento de medo. Quando o responsável, pela insuficiência de poder do sujeito, é o outro é provável que se verifique luta em vez de fuga (KEMPER, 1978 apud BARBALET, 1998).

O medo é uma reação a uma perspectiva de um acontecimento indesejável. Os aspectos disposicionais do medo são largamente imaginados em termo de evitar ameaça ou perigo físicos. Porém, em populações humanas, a origem ou objeto específico do medo é tipicamente social e não física, principalmente na fase adulta. Enquanto as crianças sentem

medo de objetos concretos, como animais, pessoas e sons, com a chegada da adolescência, essas sensações passam a ter uma conotação social.

Uma vez que a pessoa aprende a se sentir amedrontada em relação a algo, tende a associar um sentimento de pavor a essa experiência, que ficou armazenada na memória. Porém, o contrário também pode ocorrer, ou seja, ao aprender a controlar esse sentimento, saberá como reagir quando situações semelhantes acontecerem.

De acordo com Thomas (1983) os sentimentos de medo no esporte podem ter múltiplas causas. O atleta pode ter medo do fracasso, que ameaça sua performance; medo de contusão, em consequência de movimentos mal executados; medo do vexame social, pois a prática do esporte geralmente se dá perante a observação de outras pessoas e fracassos diante de observadores podem significar para o atleta uma diminuição de valor de sua capacidade e, com isto, sua personalidade; entre outros fatores.

O medo das consequências do fracasso no desempenho, especialmente em forma de castigos, notas baixas, desclassificação etc. desempenham papel relevante. Durante muito tempo o medo foi utilizado como meio pedagógico: as crianças deviam ter medo de seus pais para não fazerem tolices, dos professores para fazerem seus deveres etc., sabe-se que esse processo de educação apenas reprime e aumenta o sentimento de medo, em vez de desenvolvê-lo e trabalhá-lo.

De maneira geral, pode-se afirmar que quanto mais estranha for a situação do desempenho esportivo, quanto mais incerto forem o desenrolar e o resultado da ação, quanto mais importante for a obtenção do objetivo e quanto pior forem as consequências dos fracassos para o atleta, tanto mais intenso será o sentimento de medo durante e, eventualmente, depois da execução da ação. O prognóstico mental de uma possível ocorrência produz medo. Este estado muitas vezes conduz à insegurança do movimento, à inibição de execução do movimento e à perda de pré-requisitos reguladores e diretores emocionais e cognitivos da performance. O que provoca uma perturbação no desenrolar da ação e com isto, de fato, o fracasso.

O mesmo autor ainda diz que, sempre haverá uma certa dose de medo ligada à ação desportiva, o objetivo do esforço pedagógico na Educação Física não elimina o medo dessas aulas. O professor deve estar em condições de reconhecer os fatores e as condições provocadoras do medo, dominando-o de tal modo que o medo do aluno não cresça a ponto

de torná-lo inapto e absorvê-lo. A intensidade do medo deve ser reduzida a um grau que permita o aluno dominá-lo ao executar atividades planejadas e superar os fatores que o provocam.

O professor pode permitir ao aluno medroso evitar os exercícios provocadores do medo, pode incentivá-lo a praticar o exercício com especial energia, e pode também analisar, juntamente com o aluno, os fatores provocadores do medo no desenrolar do movimento, desenvolvendo um plano onde o aluno aprende a dominar e, aos poucos, reduzir seu medo.

Propiciar que o aluno aceite, entenda, e tolere um certo grau de medo; desenvolver junto com ele meios de controle desse processo emocional (através de informações, métodos distintos, relaxamento etc.); estimulá-lo a enfrentar esse sentimento (pontuando os riscos reais) de forma progressiva e voltar às origens dessa emoção são condutas que podem ajudar o aluno a gerir seu medo nas aulas.

4.4.2- A ansiedade

Entendemos que a ansiedade é a resposta emocional determinada de um acontecimento, que pode ser agradável, frustrante, ameaçador, entristecedor e cuja realização ou resultado depende não apenas da própria pessoa, mas também de outros ou de situações. Ela inclui manifestações somáticas e fisiológicas do organismo. Outras abordagens a relacionam com uma expectativa de perigo, insegurança, ameaça ou desafio de um objeto por vezes vago, criado no psicológico do indivíduo.

A ansiedade pode muitas vezes ser confundida com o medo, ambas emoções envolvem padrões fisiológicos e psicológicos que são desagradáveis e provocam tensões, porém a ansiedade é um estado emocional de antecipação do perigo, o qual não se apresenta de forma clara, sendo uma emoção mais difusa. Uma pequena ansiedade tem características construtivas, estimulando a criatividade, enquanto uma grande ansiedade provoca uma sensação de desamparo, tornando a pessoa ineficaz (CALHOUN apud MACHADO, 2006).

A ansiedade está tipicamente relacionada ao desempenho de uma atividade, sendo que diferentes níveis de ansiedade ou nervosismo têm efeitos diferentes no desempenho de uma pessoa em tal situação. Segundo Maggil (1984) a ansiedade afeta a aprendizagem e o

desempenho de acordo com a relação entre o nível de ansiedade do indivíduo e a complexidade da tarefa, e pode ser considerada como uma forma específica de ativação.

A ansiedade deve ser considerada um traço sendo esta uma característica da personalidade do indivíduo de forma permanente, ou um estado, que se refere a como uma pessoa reage a uma situação, se caracteriza por reações temporárias dela, isto é, o estado emocional de um indivíduo que experimenta sentimentos de apreensão, tensão, nervosismo, preocupação ou medo, como em competições esportivas. A relação entre essas duas formas de ansiedade deve ser considerada ao relacionar ansiedade com desempenho motor. A pessoa que apresenta um alto nível de ansiedade de traço apresenta também um maior nível de ansiedade de estado perante diferentes situações.

A ansiedade de traço parece interagir com duas variáveis importantes: a importância da situação para o indivíduo e a incerteza do resultado da situação. Quanto maior a importância que o indivíduo atribui a uma situação, maior será a possibilidade de que ele exiba um alto nível de ansiedade de estado. Temos também que à medida que aumenta a incerteza quanto ao resultado de uma tarefa, o nível esperado de ansiedade de estado também aumenta. Dessa forma, essas duas variáveis interagem com o nível de ansiedade de traço do indivíduo na produção de um nível determinado de ansiedade de estado, sendo também a complexidade da tarefa outro fator de influência nos níveis de ansiedade.

A relação entre nível de ansiedade e desempenho se baseia na *teoria do U invertido*, isto é, tanto os níveis muito baixos como os níveis elevados de ansiedade resultam em um desempenho igualmente reduzido.

Por isso, a informação acerca dos níveis individuais de ansiedade se torna útil à medida que permite aos professores tentarem determinar o que é necessário se aplicar em um indivíduo em certas situações. Se o nível de ansiedade for muito elevado, poderiam ser aplicados procedimentos para acalmarem o indivíduo ou atividades mais simples, ao contrário se os níveis forem excessivamente baixos é necessário estimular o indivíduo para a tarefa em questão como, por exemplo, com atividades mais complexas.

Conhecer os motivos prévios que alteram a ansiedade possibilita um manejo maior e mais eficiente, através das técnicas adequadas, o que ameniza o efeito desta ansiedade em situações específicas.

Para tentar diminuir o nível de ansiedade, o técnico ou professor de Educação Física precisa, antes de qualquer coisa, identificar o indivíduo ansioso e posteriormente localizar os motivos prévios da ansiedade. Somente a partir daí, utilizar algumas estratégias práticas.

Uma forma de desenvolver um nível equilibrado de ansiedade é trabalhando a autoconsciência, conhecimento do próprio corpo, que permite ao indivíduo definir claramente os valores sob os quais deseja viver, sendo que um alto ou baixo nível de ansiedade de traço existe em função da identificação pessoal do indivíduo, o que influenciará na ansiedade de estado.

Sendo assim, o professor deve ter como objetivo o desenvolvimento de um nível de ansiedade ótimo para a tarefa em questão, otimizando o desempenho de seus alunos, intervindo adequada e precisamente para garantir um estado emocional favorável ao grupo, de modo que seus alunos possam analisar os fatos e estabelecer comparações e critérios.

4.4.3- A vergonha

Segundo Lelord & André (2002) a vergonha vem a ser um sentimento penoso de inferioridade, indignidade e de diminuição na opinião dos outros. Pode ser proveniente de várias fontes, por exemplo, o sentimento de não ser como os outros são (fisicamente, socialmente, profissionalmente etc.), sentir-se culpado por algum acontecimento (culpabilidade), ser pego fazendo algo errado etc. Porém, a vergonha é um excelente regulador de nossos comportamentos sociais, servindo para proteger a nossa identidade no grupo, impedindo-nos de transgredir determinadas normas. Contudo, em níveis elevados, assim como as outras emoções, esse sentimento também pode ser um grande empecilho para a ação.

Por se tratar de uma emoção de auto-avaliação, a vergonha é um sentimento de queda original, não porque se tenha cometido uma falta, mas simplesmente pelo fato de “cair” frente aos outros. Trata-se de um sentimento de insegurança provocado pelo medo do ridículo ou de uma situação embaraçosa, que compromete o relacionamento social do indivíduo.

Esse processo se instala a partir do momento que somos observados e julgados pelos nossos pares, ou então por nós mesmos, e que os resultados de nossas ações será a medida para que estejamos sofrendo comparações com nossos rendimentos anteriores ou de outros. Medo, ansiedade e vergonha se associam.

Em aulas de Educação Física, comumente os alunos sentem vergonha de fracassar frente aos colegas, vergonha de não ser habilidoso como os outros alunos, vergonha de se expor, vergonha de realizar determinada atividade, vergonha de se sentir humilhado etc. evitando a prática das aulas para fugir dessas situações.

Segundo Thomas (1983):

como a ação desportiva é dirigida à obtenção de objetivos, muitas vezes provoca sentimentos de auto-avaliação, como sentimentos de sucesso ou fracasso, orgulho ou vergonha. Os sentimentos de sucesso ou fracasso surgem na comparação da performance obtida com o próprio nível de exigência. Sentimentos de orgulho ou de vergonha resultam da comparação entre o “eu-ideal” e o verdadeiro resultado da ação. Havendo uma discrepância muito grande entre o “eu-ideal” ou as expectativas do meio ambiente e os resultados da ação e as performances realmente alcançadas, surge um sentimento de vergonha que é tanto maior quanto menos se possa justificar estas discrepâncias (p.194).

Na verdade, o que deve ser considerado sempre é que as aulas de Educação Física não devem ser excludentes, desmerecendo os não habilidosos, e muito menos seletivas, exigindo performance dos alunos. O erro deve ser explorado como meio pedagógico, reforçando que, o fracasso não é motivo para o surgimento de sentimentos de culpa, fraqueza e insignificância.

É necessário que o professor estimule a participação de seus alunos frente às situações que eles julguem vergonhosas, refletindo as causas de sua manifestação e desenvolvendo sua autoconfiança, que se apresenta como um importante inibidor do sentimento de vergonha, devendo assim ser explorada nas aulas.

4.4.4- A motivação

A motivação é um fenômeno presente no processo de ensino-aprendizagem que interfere no comportamento de professores e alunos. Maggil (1984) define a motivação como as causas que afetam o início, a intensidade e a manutenção de um comportamento, sendo que estes três

fatores são influenciados por diferentes aspectos, como o estabelecimento de objetivos, a ansiedade e o reforço, tendo a motivação um papel importante para a aprendizagem.

Quando não estamos interessados por alguma tarefa/ atividade, não sentimos prazer, nem vontade de realizá-la. O contrário também é verdadeiro: quando realizamos uma tarefa e sentimos prazer ou satisfação (emoções positivas e bem-estar), a tendência é voltarmos a executar esta ação. Assim funciona o mecanismo da motivação; a busca pelo prazer/satisfação das necessidades individuais. Cirulli (1994) afirma que o indivíduo pode começar a aprender determinada atividade com um nível baixo de motivação, porém, a medida que progride, que apresenta êxito, seu nível de motivação pode aumentar.

Temos que esse mesmo mecanismo ocorre no processo de ensino- aprendizagem nas aulas de Educação Física, uma vez que, freqüentemente, problemas referentes à motivação são encontrados, já que nem todos os alunos encontram prazer ou estão interessados nas atividades oferecidas durante as aulas e muitas vezes são obrigados a freqüentá-las.

Há uma relação de reciprocidade entre aprendizagem e motivação, ou seja, não só a motivação gera a aprendizagem, mas também a aprendizagem gera motivação para querer aprender mais, tendo assim a motivação um importante papel tanto no início como na manutenção do comportamento.

De acordo com Meinel (1984, apud CIRULLI, 1994), a atividade de aprendizagem e a motivação da aprendizagem é muito importante, devendo-se considerar a situação inicial do aluno, e a partir daí, criar ou reforçar e mantê-las no decurso de toda a fase de aprendizagem.

Sendo assim, é necessário que o professor esteja constantemente preocupado com a motivação do aluno, induzindo-o a querer aprender o que está sendo ensinado, iniciando assim seu comportamento, que deve ser mantido durante toda a atividade para o aluno seja estimulado a aprender até o limite de sua capacidade, determinando a intensidade do comportamento.

Blair et al. (1967, apud CIRULLI, p. 13) ainda cita que o professor deve criar uma atmosfera que proporcione ao aluno a oportunidade de satisfazer as necessidades certas, através de incentivos certos como, por exemplo, tratar as necessidades e interesses de cada criança como um grupo peculiar de características para planejar as atividades; ajudar a

criança a ter uma impressão de êxito e confiança, elogiando-a quando necessário, fornecendo *feedback* e ajudando-a a descobrir suas capacidades; entre outros incentivos.

Dessa forma, o professor deve fazer o possível pra criar valores de estímulos positivos e atraentes ao maior número de alunos, despertando maior interesse e desafio. A utilização de diferentes materiais e recursos, as propostas adequadas de atividades de acordo com os interesses dos alunos e um bom relacionamento entre professor - aluno são pontos fundamentais para estimular a participação dos alunos nas aulas de Educação Física.

4.4.5- A agressividade

A agressividade está freqüentemente presente nas escolas, em especial nas aulas de Educação Física, e a manifestação desse sentimento no meio escolar vem sendo estudada por muitos pesquisadores.

De acordo com Mussem et al (apud SILVEIRA, 2003) citado por Schreiber et al. (2005), a agressão pode ser definida como um comportamento que ofende ou tem o potencial para ofender uma outra pessoa ou objeto. Pode ser um ataque físico (bater, dar pontapés, morder), ataque verbal (gritar, xingar, depreciar), violação dos direitos alheios. A agressão está relacionada com a intenção de causar danos à outra pessoa ou objeto, levando em conta a intenção do agente. Este comportamento nocivo aos outros é considerado agressão, principalmente quando a criança está consciente da sua capacidade de ferir alguém.

Para Schreiber et al. (2005) os fatores que desencadeiam as brigas e discussões surgem muito cedo entre as crianças, seja no ambiente familiar ou escolar. Estes fatores são considerados manifestações espontâneas da vontade de apropriar-se de objetos ou de um território, de impor suas idéias e com freqüência à maneira mais comum que a criança encontra para mediar seus conflitos; surge então o comportamento agressivo.

Esse processo emocional é determinado por diferentes fatores. A desestruturação familiar, rejeição dos pais e convívio com conflitos diários entre parentes desencadeia em problemas no relacionamento do indivíduo com o mundo em que vive, interferindo até mesmo no processo de aprendizagem, já que ao manifestar atitudes de agressividade a criança acaba por tornar o ambiente menos receptivo à busca do conhecimento, por meio da prática educativa. No ambiente escolar é comum a manifestação de comportamentos

agressivos, devido á insatisfação ou descontentamento do aluno com alguma situação, por isso o professor deve estar preparado para solucionar este tipo de problema.

Nas aulas práticas de Educação Física, naturalmente ocorrem situações em que expectativas e opiniões costumam divergir, muitas vezes o próprio contato físico resulta em agressão. Atitudes como, o desinteresse pela aula, a revolta diante de situações de derrota em jogo competitivo, ou rebeldia e agressividade são comuns, porém não devem ser ignorados, e sim questionados e discutidos. O professor deve conhecer as limitações e condições de cada aluno e não julgá-lo ou puni-lo por suas atitudes, que muitas vezes são reflexos do ambiente que ele convive.

A teoria da aprendizagem social confirma que a criança apresenta uma forte tendência a reproduzir o que ela observa e vivencia no meio. Então, além da influência familiar e escolar, temos que a mídia representa uma grandiosa determinante para a manifestação da agressividade, já que cenas de violência, inclusive no esporte, são comumente assistidas por todos nós.

Para Witter (1991 apud MACHADO, 2006) a agressividade física e verbal tem sido associada à exposição dos adolescentes da televisão, particularmente quando essa exposição se faz de modo reiterado, continuamente ao longo de certo tempo. A maior parte da literatura sobre o assunto, afirma que a televisão não só transmite e perpetua os comportamentos de agressão aceitos pela sociedade, como também é possível que funcione no sentido de relação causal, geradora de maior número de eventos agressivos exibidos pelo indivíduo e de um aumento de intensidade nessas manifestações agressivas (RUBINSTEIN, 1983 apud MACHADO, 2006).

O esporte, sem dúvidas, é um ambiente propício para o aparecimento do comportamento agressivo e violento, não só entre atletas, mas também entre torcedores e outros envolvidos. Isto está diretamente ligado à importância emocional que a competição representa para cada desportista e seu envolvimento emocional com a atividade. Deve também ser levada em conta a participação direta das expectativas que cada torcedor leva para a competição, influenciando assim o comportamento agressivo de cada atleta na competição. Quando há uma platéia e/ou uma torcida esta também influencia o emergir e a manutenção da agressão, tanto entre os que estão diretamente envolvidos na atividade esportiva, como nos que a assistem.

O professor deve estar ciente que essas manifestações agressivas (pancadarias, torcidas organizadas, a polícia, invasões dos campos etc.) tão vistas nos eventos esportivos, com certeza, serão levadas pelos alunos às aulas de Educação Física e deverão ser trabalhadas adequadamente.

Sendo assim, Rubinstein (1983) citado por Machado (2006) sugere que estes casos e os demais de igual proporção devam ser tratados no momento exato em que ocorram, não permitindo uma repetição, em especial dentro do circuito escolar. Segundo sua fundamentação, existe a questão do haver aprendido, pela exposição do fato, na mídia, seja ela qual for; no entanto, a imitação e a falta de limite nessa ação, sem um comentário acertado e direto do professor, podem ser a origem de maiores atos de agressividade, junto aos escolares.

Um estudo realizado por Machado (1993), analisando o esporte escolar durante um campeonato em cidades de médio porte, concluiu que a atitude pontual e assertiva do professor, no momento da balburdia, tem poder de transformação do clima ostensivo reinante, numa forma mais amena e menos constrangedora, para os grupos envolvidos no momento esportivo. A intervenção adequada e imediata do professor no aparecimento do comportamento agressivo é essencial.

Outra forma de se trabalhar a agressividade e violência nas aulas é debater e assistir aos jogos, junto com os alunos, atribuindo a eles a função de elaborar comentários técnicos e análises do jogo, em questão. Além disso, considerar e valorizar os alunos, suas opiniões, necessidades e limitações, parece ser um meio de evidenciar o ser por inteiro, modificando a visão excludente e discriminatória da Educação Física como capacidade motora.

Tais fatores podem favorecer um desenvolvimento crítico do aluno, transformando suas atitudes agressivas. Assim, em conjunto, é possível elaborar idéias que se transformarão em práticas esportivas saudáveis dentro, e fora, das próprias aulas de Educação Física.

4.5 - Relação professor-aluno: interferências na formação emocional

Como já citado, a família forma o primeiro vínculo afetivo da criança. A princípio, os pais serão os grandes responsáveis pela formação de seus filhos, e serão por eles vistos como líderes (referência) da interação social estabelecida ali.

A interação social é definida como uma relação entre pessoas, de maneira que o comportamento de uma constitui ou serve de estímulo para o comportamento da outra (CUNHA, 1996; ULRICH, 1975 apud DARIDO & RANGEL). Isso ocorre nas relações entre pais e filhos, professores e alunos, atletas e técnicos, colegas de turma etc.

No momento em que a criança em idade escolar, por meio das ações do professor e das novas amizades, desliga-se das interferências familiares e rompe com o modelo de educação que recebia em casa, por consequência passa a sofrer as influências desse novo núcleo de convivência que é a escola (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 1995).

Nesse meio, passará a respeitar novas regras e limites, ter novas interações sociais, liderados por outras pessoas, e não mais pelos pais. Na escola, o aluno terá como modelo de referência para a sua formação o professor, que representará a instituição educacional, porém é importante ressaltar que pais e mestres se completam na educação da criança. O primeiro é responsável pela educação ampla, irrestrita enquanto ao segundo cabe a educação escolarizada, acompanhada de seus valores morais e sociais.

No ambiente escolar, a relação professor- aluno representa um aspecto fundamental no processo de ensino-aprendizagem e na formação pessoal do aluno. O sucesso e o insucesso desse processo dependem da interação entre os dois agentes em sua prática pedagógica.

É possível distinguir dois aspectos interacionais na prática docente: aquele que se relaciona com os aspectos cognitivos ou intelectuais e ao que se relaciona ao aspecto emocional e social, ambos se ligam, se entrelaçam e determinam como os alunos lidarão com os conhecimentos. Isso significa que, além da capacidade de ensinar conhecimentos específicos, é também papel do professor transmitir, de forma consciente ou não, valores, normas, maneiras de pensar e padrões de comportamento para se viver em sociedade. Portanto, faz-se necessário um plano de trabalho em que se contemple esses dois aspectos (DARIDO & RANGEL, 2005).

A relação professor-aluno depende dos anseios, desejos, objetivos e necessidades de cada um, podendo então haver um nível de interação muito alto até simplesmente não haver interação, se um não conseguir suprir os interesses do outro, por diversos motivos. Quando isso ocorre, há apenas um relacionamento profissional, que permite um avanço técnico-pedagógico, ou seja, que garante a transmissão e recepção do conhecimento, porém compromete o avanço no aspecto humano da relação.

Sobrinho, Mello e Peruggia (1997) afirmam que a personalidade do professor tem uma importância relevante para estabelecer uma boa relação com as pessoas que dirige, uma vez que suas atitudes serão incorporadas às vidas dos alunos. As maneiras de encararem os problemas e buscarem soluções, as formas de se estabelecerem análises e estratégias e as formas de perceberem limites e transpô-los serão aprendidas no contato com o professor.

De acordo com Sisto et al. (1996), o grau de abertura que o professor oferece às perguntas e indagações dos alunos e o respeito que lhes proporciona podem criar situações de aprendizagem muito diferenciadas. Os alunos sentem quando a aula está sendo dada com entusiasmo e seriedade e não com displicência. É mais provável que se envolvam com os ensinamentos transmitidos se perceberem que o professor se envolve também e os aceitam como são, com suas dificuldades e limitações.

Segundo Resende (1994b apud DARIDO & RANGEL, 2005) a aula de Educação Física encontra-se repleta de conflitos, inerentes a qualquer forma de interação social, que, nesse caso, emergem da interação do aluno como meio social e cultural da aula.

O movimento humano é uma das formas mais fundamentais de interação social e requer uma relação íntima das pessoas entre si e o universo. Dessa forma, em aulas de Educação Física as relações sociais se fortalecem e se manifestam com maior expressividade. Professor e alunos interagem de forma mais direta e aproximada, influenciando um na ação e reação do outro.

Sendo assim, fica clara a relevância da interação entre professor-aluno, onde a ação de um determina o comportamento do outro, em uma relação mútua. Quando o professor adota uma postura negativa (raiva, agressividade etc.) influenciará negativamente seus alunos e vice-versa. O mesmo ocorre com as condutas positivas (alegria, motivação etc.).

Não só a relação professor-aluno determina o processo de aprendizagem, a escola também é um fator determinante. Além da instituição escolar, outros aspectos intra-escolares como inadequação de currículos, de programas, de sistemas de avaliação, de métodos de ensino interferem diretamente no potencial de aprendizagem do aluno. É comum, em nossas escolas, a utilização de materiais desestimulantes, de métodos ultrapassados e aplicação de atividades sem significado para as crianças, desconsiderando suas expectativas, suas possibilidades e limitações e as diferenças individuais.

Dessa forma o processo de ensino-aprendizagem é prejudicado, dificultando ao aluno a assimilação do conhecimento. Tornar as aulas prazerosas se faz necessário para que ocorra o aprendizado. Reconhecer cada aluno como único e criar estratégias para cada necessidade e situação, respeitando suas dificuldades e particularidades é um importante passo no ensino.

5- Metodologia

Além da revisão bibliográfica, para realizarmos a pesquisa de campo, adotamos os procedimentos de uma pesquisa qualitativa. Dessa forma, optamos pela aplicação de entrevistas semi-estruturadas, totalizando 10 questões para cada sujeito. As entrevistas foram gravadas e transcritas para análise dos dados obtidos.

5.1- Instrumento

De acordo com Bonow (1972) a entrevista é uma técnica de obtenção direta de dados que permite não só uma visão geral das características do indivíduo (atitudes, sentimentos, interesses, necessidades, aspirações etc.) como também de seu ambiente social (família, escola, trabalho etc.). Ainda por meio dessa técnica dinâmica poderá se comprovar as observações já realizadas e estabelecer correlação entre as atitudes do indivíduo e as condições ambientais em que ele vive. Nosso instrumento foi balizado por um conjunto de três professores doutores do Departamento de Educação Física da UNESP- Rio Claro, que deu aval à aplicação da mesma, atendendo aos padrões de pesquisas científicas.

5.2- Participantes

Participaram desse estudo 25 alunos e 5 professores do Ensino Fundamental, especificamente 8ª séries, de duas escolas públicas da cidade de Rio Claro, interior do Estado de São Paulo, à 150 km de distância de Campinas e 32 km de Piracicaba, os grandes centros regionais. Os sujeitos tiveram seus nomes preservados, como exigência de padrões vigentes nos comitês de ética.

5.3- Análise de dados

Após a coleta, os dados foram tabulados e *categorizados*, isto é agrupados em proximidades temáticas, em suas convergências ou mesmo divergências, tendo como

suporte a literatura utilizada na pesquisa. Assim, as respostas foram classificadas de acordo com seus graus de incidência e importância.

6- Análise e discussão dos resultados

Para a análise dos dados, as questões foram agrupadas de acordo com sua abrangência, visando facilitar o entendimento das respostas. O primeiro grupo de perguntas refere-se à presença e ao contexto em que se manifestam os estados emocionais em aulas de Educação Física.

A questão 1 solicitou que os alunos descrevessem em que tipo de atividade surgiam os sentimentos de medo e/ ou vergonha nas aulas de Educação Física, justificando suas respostas.

Dos 25 alunos entrevistados, 6 citaram a presença da vergonha em diferentes atividades, proveniente do fato de não saberem executar o que foi pedido; de se sentirem mal realizando a atividade e da vergonha dos colegas por serem o centro das atenções. Ainda nessa questão, 4 alunos expressaram que apresentam medo em executar algumas atividades, entre as citadas temos o basquete, carrinho de mão, vôlei e alongamento, todas essas situações causadas pelo medo de se machucarem, como vemos nos depoimentos a seguir:

- *“Tenho vergonha de fazer alongamento, porque a gente tem que fazer algumas atividades que a gente não sabe muito”. (Aluno 1)*

- *“Eu tenho medo de jogar vôlei, porque eu não gosto de bater na bola, a bola vem na cara, acertou uma vez meu rosto e cortou a minha boca. E vergonha de fazer exercícios como flexão, polichinelo, porque me sinto mal fazendo essas atividades”. (Aluno 9)*

Outros 15 alunos afirmaram não sentir medo e/ou vergonha durante a aula.

Já para os professores, foi solicitado que identificassem a presença e as situações em que ocorriam esses sentimentos em seus alunos, e buscassem uma justificativa para tal.

Os cinco professores entrevistados afirmaram a presença dessas emoções em seus alunos. Os cinco citaram a vergonha da exposição frente aos colegas, e uma citou o contato físico, como situações de manifestação, visto na declaração abaixo. O medo de se machucar foi citado por uma das professoras.

- “Sim. Tirar o tênis, eles têm vergonha. Coisas em duplas, eles ficam com um pouco de vergonha. Às vezes, pelo contato com o outro, às vezes por uma questão de higiene mesmo, de ter que tirar o tênis e o colega ficar rindo, aí eles ficam com vergonha”. (Professor 1)

Comparando os dados de alunos e professores, podemos verificar que há uma concordância entre ambos, já que citaram situações semelhantes para a manifestação das emoções em questão, mostrando que, de certa forma, os docentes conseguem identificar a presença desses estados em seus alunos.

Em relação á vergonha, La Taille (2006) a define como um sentimento de desconforto afetivo, causado pela exposição do sujeito (pelo fato de se sentir exposto ou observado), ou pela sensação de perda real ou virtual de valor (autojuízo negativo, ferindo a “boa imagem” que se tem de si). Tal descrição assemelha-se ás situações citadas pelos alunos e professores, nas quais a vergonha se manifesta pelo simples fato da criança estar sendo observada, realizando ou não alguma ação, e por se sentir fora de um padrão, como, por exemplo, ser menos habilidoso.

Já o medo de lesões, mais citado pelos alunos e também lembrado pelo professor, é uma manifestação comum entre atletas de rendimento e praticantes de atividades físicas. Machado (2006) menciona que o próprio sentimento de medo pode causar lesões em atletas e pode prejudicar a recuperação do indivíduo e o seu retorno à prática da modalidade esportiva. Isto porque o mesmo pode vir a sentir medo de fazer novamente o(s) movimento(s) que propiciou a lesão.

Transportando essa afirmação para a Educação Física Escolar, é possível estabelecermos certas relações, uma vez que muitos alunos ao se lesionarem realizando alguma atividade se sentem receosos ou até se afastam da prática da mesma, como visto na declaração de um dos alunos. Tais dados demonstram que maiores cuidados devem ser tomados nestas situações, nas quais os alunos manifestaram as emoções em questão,

cabendo ao professor identificá-las e solucioná-las, como agente facilitador do processo de aprendizagem.

A questão 2 referiu-se á motivação nas aulas. Quando questionados sobre seu nível de motivação e o porquê de sua manifestação, 22 alunos afirmaram que se sentem motivados a fazer as aulas de Educação Física, por motivos distintos: 4 citaram as atividades diferentes como um fator determinante; 18 por gostarem da aula se sentem motivados a fazê-la; ainda foram citados uma vez a prática de esportes, a companhia dos colegas (maior contato), o incentivo da professora e o momento de lazer/ descontração como aspectos motivadores.

- *“Sim. Porque são atividades diferentes das que fazemos”. (Aluno 4)*

- *“Sinto, porque sempre são coisas diferentes e tem que exigir da nossa criatividade, da nossa capacidade, aí eu acho legal”. (Aluno 7)*

Já os outros 3 alunos 2 afirmaram não gostar das aulas de educação física, por isso se sentiam desmotivados e um disse que dependia da atividade.

Aos professores, foi pedido que descrevessem o que tornaria uma aula motivante para seus alunos. Os 5 citaram que uma aula motivante é aquela em que todos participem e aprendam, e um deles citou a presença de atividades que os alunos gostem, estimulando-os para a prática.

- *“Uma aula com atividades que os alunos gostam, fazem, que eles cumpram o objetivo, que participem”. (Professor 3)*

Nesse caso, observamos a importância da motivação nas aulas de Educação Física. Os dados nos mostraram que os alunos, quase que em sua totalidade, se sentem motivados a participar da aula e que os professores identificam a necessidade dessa estimulação, apesar de não descreverem com clareza os reais motivos dos alunos. Tal fator poderia auxiliá-las na preparação das aulas, considerando os aspectos motivadores para as crianças.

Em estudo realizado por Cirulli (1994) á respeito da motivação em aulas de Educação Física, no qual foram entrevistados alunos e professores, detectou-se que um

importante fator que motiva os alunos para a prática dessas aulas é a atenção dada pelo docente e a relação entre eles, fator também citado na nossa pesquisa. Outro dado relevante é quanto à perspectiva dos alunos em relação às aulas, sendo que a maioria espera uma aula ativa com novos aprendizados, sendo este ponto o mais citado pelos alunos aqui entrevistados.

Nesse estudo verificamos que os professores identificam essa necessidade dos alunos em aprenderem conteúdos novos, diferentes, que gostem e tenham interesse. Dessa forma, como também já visto na literatura, fica clara a importância do professor como chave para a motivação dos alunos, já que as atividades que prepara, a sua relação com os mesmos entre outros fatores determinam o nível de motivação das crianças.

Na pergunta 3, levantamos a presença da agressividade (verbal e/ou física) nas aulas de Educação Física e em que situações ela comumente aparece, na visão de alunos e professoras.

Para 9 alunos, não há manifestação de comportamentos agressivos durante as aulas. Já, 7 alunos citaram que raramente ou às vezes ocorrem um ato de agressão e que geralmente ocorre no jogo de futebol, sendo que 1 deles referiu-se à conflitos entre meninos e meninas. No entanto, 8 alunos confirmaram a presença da agressividade, 6 deles apontaram o jogo de futebol, mais uma vez, como uma situação conflitante, e um deles citou a agressão com estagiários.

- *“Isso sempre tem, querendo ou não, principalmente entre os meninos. Quando ela dá futebol, eles sempre se xingam, mas é coisa boba, nada sério”. (Aluno 3)*

- *“Quando ocorre é mais entre os alunos, mas não é nada sério. Mais no futebol, essas coisas assim”. (Aluno 7)*

Todos os professores identificaram a agressão nas aulas, em situações distintas das citadas pelos alunos. Um apontou que em atividades que envolvam maior contato (como em fila) os alunos se agredem fisicamente; e dois citaram que quando propõem atividades diferentes daquelas que os alunos querem, ou seja, quando são contrariados, os alunos apresentam esse comportamento agressivo, em especial através de xingamentos.

- “Sim. Quando estão em fila eles ficam batendo no outro, quando você está propondo uma coisa que eles acham que não é de acordo com o que eles querem, porque, às vezes, eles só querem futebol. Então, você propõe uma coisa diferente, mesmo que eles gostem num segundo momento, no primeiro momento eles ficam reclamando, xingam... Eu acho que é isso, quando eles são contrariados e quando estão na fila. No jogo também”. (Professor 5)

Como já ressaltado nesse trabalho o ambiente escolar, em especial a Educação Física, é um meio comum de manifestação de comportamentos agressivos, devido a diversos fatores como: insatisfação ou descontentamento do aluno com alguma situação, divergência de expectativas e opiniões, desinteresse pela aula, contato físico com outros colegas, revolta diante de situações em jogo entre outros.

Alguns desses aspectos foram citados pelos professores entrevistados como situações de manifestação da agressividade; porém a agressão proveniente da contradição foi lembrada por dois deles, confirmando a afirmação de Bee (apud JAEGER, 1997 citado por Schreiber et al., 2005) que diz que, as crianças, independente de sua faixa etária ao serem contrariadas sentem-se frustradas e em seguida manifestam o comportamento agressivo.

Porém, para os alunos, a forma que se manifestam quando contrariados, através da agressão verbal, não parece para eles uma forma de agressão (não sendo citada por nenhum deles). O fato de xingarem a professora ou um colega, baterem nos companheiros de classe etc. também não representa um ato agressivo, o que já se tornou comum para muitos, inclusive no momento esportivo (jogo de futebol). Essas questões nos fazem pensar na maior necessidade de diálogo entre ambas as partes e quando da ocorrência dessas situações, já que pontuando e discutindo esses acontecimentos o professor pode desenvolver o senso crítico de seus alunos, evitando o ressurgimento desse comportamento.

A questão 4 indagou os alunos sobre sua autoconfiança em realizar as atividades propostas em aulas, dando seus motivos para tal. Dos 25 alunos, 22 confirmaram que se sentem confiantes, destes, 2 indicaram que o fato de saberem que podem contar com a ajuda da professora determina seus níveis de confiança; 5 citaram que a própria professora

passa essa confiança através da boa explicação por exemplo, citada por um desses alunos; e 9 por gostar de fazer as atividades se sente confiante em realizá-las.

- *“Sim, porque a professora passa essa confiança, a aula é bem tranqüila. Não é uma assim... lá dentro, séria e tal. E também uma matéria assim, que tem que levar a sério, Educação Física também é importante, mas é mais descontraído, porque você sai da sala de aula, tem direito de opinar, eu gosto de tal esporte, aí vê qual a maioria tem opinião pra gente fazer”.* (Aluno 2)

- *“Sinto. Porque sempre há uma explicação bem feita, sempre os detalhes são citados e, com certeza, a gente desce confiantes e motivados a fazer as atividades”.* (Aluno 10)

Já 3 alunos apontaram que nem sempre se sentem confiantes, pelo medo de realizarem alguns exercícios propostos.

Para os professores foi perguntado se há preocupação em trabalhar a confiança de seus alunos e de que forma o fazem. Todos responderam que procuram trabalhar essa emoção nas aulas, citando algumas formas de atuação como incentivo aos alunos e correção dos mesmos quando necessário. Ainda foram citados uma vez o fato de fazer junto com os alunos a atividade e de não exigir perfeição deles (performance) e sim, que executem dentro de suas possibilidades, o que se apresenta como um aspecto muito importante.

- *“Assim, a gente incentiva eles a fazerem, mesmo que não faça perfeito. A gente procura estar corrigindo, incentivando, procurando melhorar”.* (Professor 2)

Esses dados mostram que o trabalho feito pelos professores e os métodos utilizados para o desenvolvimento da confiança, têm surtido efeito nos alunos, já que a maioria se sente confiante nas aulas. Porém, ainda falta trabalhar com alguns casos específicos, como o trabalho com o medo. Através de um trabalho conjunto dessas duas emoções é possível administrar a manifestação das mesmas nas atividades.

Como visto na literatura, a confiança está diretamente relacionada à aceitação e reconhecimento, uma vez que o número de sucessos e fracassos obtidos pelo indivíduo irão determinar seu nível de confiança para realizar determinada ação. Tal fato ressalta a importância do professor como encorajador e fornecedor de reforço para o aluno. Além disso, uma educação que favoreça e estimule o potencial dos alunos produz um estado de segurança que proporciona o desenvolvimento adequado da auto-estima, fator também importante na formação do indivíduo.

A questão 5 tratou da presença da ansiedade nas aulas de Educação Física, esperando que alunos e professoras identificassem em que momentos esse estado emocional se manifestava nas crianças. Seis, dos 25 alunos entrevistados, responderam que não se sentem ansiosos em momento algum das aulas. Já 19 alunos se sentem ansiosos, sendo que 3 manifestam essa emoção no momento de ir pra aula (sair da sala) e 5 citaram o fato de quererem jogar e fazer as atividades, 8 citaram o fato de um lance decisivo como um pênalti, lance livre, como situação onde a ansiedade aparecia. Ainda uma aluna respondeu que dependendo da atividade há a presença desse estado.

- “Fico bastante ansiosa. Pra sair da sala de aula, vim e jogar, às vezes eu fico com vontade de jogar e não tenho tempo de jogar em casa, aí na escola dá pra jogar, tem algum campeonato fora das aulas”. (Aluno 2)

- “A gente não vê a hora de sair da sala, de fazer alguma coisa diferente e está sempre mudando um pouco a nossa rotina, ainda mais período integral, porque cansa, você copia, estressa e, com certeza, a gente fica ansioso pra descer fazer alguma atividade diferente, falar sobre temas diferentes”. (Aluno 10)

Os cinco professores identificaram a ansiedade dos alunos para sair da sala e fazerem as atividades propostas, o que demonstra certa convergência entre eles, já que esses tópicos foram citados pelas crianças.

- “ (...) Mas, na Educação Física eles têm pressa de vim pro pátio, de jogar, de correr, de fazer atividade, né. Agora, no geral, em relação a

minha aula, eu não sei te dizer, exatamente, se a Educação Física deixa eles mais ansiosos, que no geral eles são ansiosos (...). (Professor 5)

No entanto, percebeu-se nessa questão a dificuldade de, tanto alunos quanto professores, definirem o que seria a ansiedade e perceberem sua manifestação. Também ficou evidente que não reconhecem a ansiedade como uma emoção determinante para ação, sendo que níveis adequados desse estado emocional definem o desempenho do aluno em determinada tarefa, como citado por Maggil (1984). Se os alunos apresentam níveis muito baixos dessa emoção é necessário estimulá-los com atividades mais desafiadoras, se apresentam níveis altos de ansiedade é preciso fornecer atividades mais simples.

Esse manejo permite que os alunos atinjam os objetivos da tarefa em questão, já que tanto o excesso dessa emoção quanto sua ausência prejudica o processo de aprendizagem. A ansiedade, por ser uma emoção com diferentes abordagens e manifestada por distintas razões, apresenta uma difícil identificação, porém é extremamente importante na realização de qualquer tarefa, em especial em tarefas motoras.

Finalizamos aqui o primeiro grupo de questões, passando-se a seguir para o segundo grupo que relaciona as emoções a diferentes fatores da Educação Física Escolar. A questão 6 propôs que alunos e professores respondessem como se sentiam durante as aulas, justificando suas respostas. 22 alunos participantes se sentem bem nas aulas de Educação Física, por diferentes motivos: 4 pela presença de atividades diferentes; 4 por ser um momento de descontração e lazer; 10 porque gostam da aula; 2 por sair da sala de aula; 2 porque são aulas que melhoram seus estados de humor.

- *“Me sinto bem. Porque é um horário gostoso, a gente se distrai, faz esportes”*. (Aluno 2)

- *“Me sinto bem, porque como é período integral, eu acho que é um momento de lazer que a gente tem aqui na escola, então é um momento raro que a gente tem na semana, então a gente se diverte se descontraí, melhora nosso humor”*. (Aluno 8)

Dos outros 3 alunos, 2 disseram que se sentem cansados e um disse que fica com raiva, tanto por não ser escolhido, quanto por perder, por ninguém passar a bola ou por simplesmente não gostar da atividade.

Os professores também relataram que se sentem bem e realizadas ministrando aulas, por gostarem do que fazem. Ainda um deles, ressaltou a responsabilidade de ensinar e fazer da Educação Física mais que um momento de lazer, mas também um momento de aprender.

- *“Eu sinto que tenho uma grande responsabilidade com esses adolescentes, principalmente, né. Eles gostam muito da aula, mas eu acho que eu não posso só pensar no que eles gostam, mas na importância da Educação Física, o que eu tenho que passar. Então, eu me sinto bem, eu gosto, mas eu acho que a minha responsabilidade é muito grande com eles também, de eu passar um conteúdo, de eu ensinar alguma coisa realmente, e não só ficar com brincadeiras. Não é brincadeira bem a palavra, seria... como se fosse lazer, né. Eu acho que eu tenho mais coisas pra passar do que só o lazer e eu me sinto bem, eu gosto de dar aula”.* (Professor 2)

Essa questão se apresenta importante á medida que o primeiro passo para a aprendizagem é estar em um ambiente favorável, tanto para professores quanto para os alunos. Como já citado, quando o processo de ensino - aprendizagem está envolvido com os processos emocionais há um maior estímulo e facilitação da aquisição de conhecimento, proporcionando assim um maior aprendizado.

A questão 7 solicitou a opinião de alunos e professoras a respeito dos sentimentos estabelecidos e demonstrados por ambos e a influência dos mesmos nas aulas. Para 17 alunos, os sentimentos entre esses dois agentes interferem diretamente nas aulas, de diversas formas: 10 alunos apontaram que o estado de humor da professora influencia no aluno, tanto positivamente quanto negativamente; 3 alunos citou que a boa relação com a professora aumenta a confiança deste nas aulas; e 4 alunos sugeriram que a boa relação entre professor e aluno estimula a participação dos mesmos nas aulas, como citado nos

depoimentos. Apenas 8 alunos acreditam que não há relação entre emoções de professores/ alunos e processo de aprendizagem

- *“Interfere, porque se você não tem aquele contato legal com ela, você vai emburrar não vai querer fazer. Então você tem que ter uma amizade com ela pra acontecer tudo legal. (...) Porque se ela está com a auto-estima bem baixa, está cansada, não está a fim de dar aula naquele dia, a maioria dos alunos também vai ficar desanimado e não vai querer fazer. Ou se ela estiver contente, incentiva os alunos e reanima”. (Aluno 3)*

- *“Influencia, porque se o professor chega alegre na sala a classe vai ficar alegre, se o professor estiver meio triste, bravo a classe fica mais quieta, já muda bastante o comportamento dos alunos”. (Aluno 8)*

Os 5 professores afirmaram a influência da relação estabelecida entre aluno e professor, sendo que todos levantaram que o estado de humor do professor e do aluno influencia no comportamento de ambos; e uma ainda citou que a boa relação entre os dois motiva os alunos nas aulas.

- *“Acho que sim, porque você já vem cansado, desmotivado, eles começam a também ficarem desmotivados, aí começam a aprontar. Então, você tem que estar sempre... fazer de tudo para estar bem, para poder a aula fluir bem. E eles também, quando não estão bem em casa eles vêm com problema, às vezes, qualquer coisa que você fala ou faz também influencia. Tem os dois lados”. (Professor 1)*

- *“Ah, isso é cem por cento. Porque quando o aluno tem uma simpatia pelo professor ele vai se dedicar mais, ele vai dar mais atenção, não vai conversar, tem interesse em perguntar coisas sobre o esporte, sobre a disciplina. Quando ele tem uma antipatia, aí, geralmente, ele vai sempre contra o que o professor está propondo. Então, você se simpatizar, se dar bem com a classe,*

passar coisa boa pra classe é até fundamental, pra você poder adquirir a confiança deles, pra puxar eles, pra puxar os alunos pra vocês e até poder deslanchar legal numa aula. (...) Porque aí entra até uma parte de energia, então quando você não tá com aquela energia, você não está disposto, eu acho que até eles sentem, eles já percebem. E a gente acaba sendo, às vezes, “agressiva”, mais exigente numa determinada hora que nem precisava tanto, então você dá uma bronca muito além do que deveria ter dado”.
(Professor 3)

Os dados mostram que alunos e professores identificam que as emoções estabelecidas e demonstradas determinam os comportamentos e atitudes adotadas por ambos, apesar dos alunos não citarem a influência de suas próprias emoções sobre seus professores, o que também ocorre, como lembrado pelos professores entrevistados e confirmado em estudos já realizados.

Figueiredo & Prodócimo (2005) mostraram que, em aulas de Educação Física, a maioria das vezes a atitude dos professores influencia na reação dos alunos, assim como uma única ação do aluno desencadeia diferentes atitudes nos professores. As atitudes dos professores consideradas socialmente negativas desencadearam em reações emotivas negativas nos alunos e a maioria das atitudes consideradas socialmente positivas desencadeou em reações positivas nos alunos. Os professores apresentaram para cada ação dos alunos diferentes atitudes, sendo que as atitudes em decorrência das ações dos alunos foram consideradas, em sua maioria, socialmente negativas.

Esses dados nos mostram a importância que deve ser atribuída aos aspectos atitudinais de alunos e professores nas aulas, já que essa relação determina e influencia no comportamento de ambos, podendo ser, ou não, um forte motivador e estimulador. De acordo com Cirulli (1994) “ o comportamento do professor frente aos seus alunos e a relação entre os mesmos são fortes estimuladores de motivos, aumentando assim o interesse, a frequência e o gosto dos alunos pelas aulas de Educação Física.

Sendo assim, quando o professor assume uma personalidade onde é prático, sociável, inteligente, realista, seguro, criativo, democrático etc. poderá conseguir, com

maior facilidade, a simpatia e confiança dos alunos. Dessa forma, fica claro que a forma como o professor se dirige e trata seus alunos é tão importante quanto o conteúdo que ele transmite e as atividades que ele planeja, para que a aula seja proveitosa e instrutiva.

Na questão 8 foi pedido para que alunos e professores apresentassem de que forma as aulas de Educação Física trabalhavam os aspectos emocionais das crianças. Dos 25 alunos entrevistados, 4 responderam que as atividades em grupo estimulam uma maior interação social, trabalhando assim com as emoções; 5 citaram que a prática de esportes, jogos e através das competições muitas emoções são desenvolvidas; 4 levantaram que as atividades propostas nas aulas melhoram (trabalham) seus estados de humor; 3 ressaltaram a importância da Educação Física como auxílio no manejo das emoções; 5 sugeriu que através das atividades são trabalhadas tanto emoções positivas, quanto negativas; e mais 1 entendeu que as aulas de Educação Física permitem uma maior liberdade de expressão, apresentando-se assim importante para o desenvolvimento emocional.

- *“Por exemplo, se estou jogando e não acontece como eu quero eu fico nervosa, quero parar, ou então fico discutindo. Ou se acontece um elogio: “Valeu, jogou bem”, tem os dois lados tanto o negativo quanto o positivo”. (Aluno 2)*

- *“Porque a gente trabalhando em grupo, entrando em algumas competições, perdendo tudo isso faz com que a gente trabalhe, saiba em certos momentos ser mais calmo ou se tem que acelerar”. (Aluno 10)*

Três alunos afirmaram que as aulas de Educação Física não trabalham o seu aspecto emocional de forma alguma.

Os professores também apresentaram diferentes formas de atuação da Educação Física sobre o aspecto emocional dos alunos, são elas: o tipo de atividade proposta em aulas que interfere no estado de humor do aluno, inibindo-o ou estimulando-o; atividades em grupo que proporcionam maior interação entre eles; e a maior exposição e motivação dos alunos nessas aulas, que propiciam o trabalho desse domínio.

- *“Eles se sentem mais motivados, as aulas são diferentes, não ficam sentados, tem contato físico... Eu acho que trabalha as emoções á medida que o aluno*

está exposto, eles têm que fazer atividades em grupo e na sala de aula eles ficam cada um nas suas carteiras e aqui no pátio, não. Eles têm que se misturar, fazer alongamento, ginástica, então isso desperta neles vários estados emocionais”. (Professor 4)

- “Quando você dá uma atividade, por exemplo, um relaxamento, o aluno tende a ficar mais tranqüilo no restante do período, né. Se nesse caso você tem alguns alunos que já estão tristes ou que não estão muito bem naquele dia porque brigou com a mãe, com o namoradinho, então eles vão abaixar mais ainda a bola. Agora, se a gente dá uma atividade muito estimulante, às vezes acontece do aluno que não tava muito legal, que tava meio pra baixo, você levantar o astral dele, isso acontece bastante. Então, o psicológico depende muito do momento de cada aluno e com que você está propondo, eu entendo que é assim, eu não sei se eu respondi. A mesma coisa acontece comigo, se eu não estou muito legal e eu ficar fazendo coisa mais pra baixo ainda, vai piorar a minha situação e eu ainda vou passar uma energia negativa pro aluno, então tem que tentar sempre subir, nunca descer”. (Professor 2)

De forma geral, alunos e professores vêem as aulas de Educação Física como meio de desenvolvimento emocional muito grande, pois fornecem situações diferenciadas das vividas em outras disciplinas, como reforçado por Prodócimo (2002) quando afirma que a Educação Física é um momento da vida escolar repleto de amplas possibilidades de trabalho com as questões emocionais. Para a autora, a ludicidade presente nas propostas, as competições, o contato entre os participantes etc. são fatores que permitem que o prazer, a cooperação, a amizade, a frustração, a tristeza, o carinho, a agressividade, entre tantas outras emoções se manifestem.

Além disso, como já ressaltado anteriormente, é através do corpo que as emoções se expressam, o que atribui à Educação Física um meio de identificação dessas manifestações, podendo assim atuar de forma mais direta sobre os processos emocionais, uma vez que muitas vezes, em outras disciplinas, o controle excessivo do corpo não permite que as

emoções sejam manifestadas e a escola ainda tem negligenciado a emoção como um fator importante.

A pergunta 9 indagou os alunos e professores sobre a influência das emoções nas aulas de Educação Física, na qual obtemos os seguintes resultados: 16 alunos entrevistados acreditam que suas emoções interfiram na aula, destes, 7 relataram que o seu estado de humor determina sua ação e comportamento nas aulas; 4 citaram que seu estado de humor influencia diretamente no professor e 5 colocaram que as emoções que expressam interferem também nos outros alunos. Já 9 alunos não acreditam nas influências entre emoção e aula.

- *“Sim, porque você está em grupo, você acaba influenciando todo mundo. E a professora também, porque ela mesma sente que você, por exemplo, não consegue fazer aquilo e muitas vezes o que você tem medo, você nega e não fala, fica meio receoso”.* (Aluno 5)

- *“Não influencia, eu acho que a aula é uma coisa o outro lado é o outro lado, não tem nenhuma influência”.* (Aluno 6)

- *“Se eu tiver triste eu não vou querer fazer uma atividade, mas se eu estiver alegre com disposição vou fazer qualquer atividade, até uma que eu não gostar”.* (Aluno 9)

Os cinco professores colocaram que as emoções influenciam na aula de diferentes formas: refletindo no comportamento do aluno; determinando sua resposta à atividade e interferindo nos outros alunos, na aula e no próprio professor, como declarado por um deles:

- *“Muito. Eles extravasam isso o tempo todo na aula, às vezes eu penso numa coisa e a aula flui que é uma beleza, porque a turma está integrada, a turma está num astral legal. Às vezes, eu proponho uma coisa, chego aqui e aí não acontece nada do que eu*

propus, aí eu me decepçiono, porque eu achei que ia ser legar, eu pensei que o aluno ia responder e ele não respondeu e a turma te pra baixo. Porque nessa faixa etária eles são muito influenciados uns pelos outros, muito, então o que dois, três estão manipulando na classe, estão conversando, se tem uma discussão todos ficam influenciados, eles não separam. Então, se dois, três brigaram, a classe inteira fica bicuda. Se o pessoal está mais alegre, se ta a coisa fluindo bem desde cedo, aí a aula vai que é uma beleza. Mas, eles se influenciam muito, e isso influencia na minha aula e isso influencia eu na aula com eles também, eu passo pra eles isso. E na Educação Física eles extravasam, por exemplo, no jogo, os meninos eles xingam, eles dão gargalhada, daqui a pouco um chuta a canela do outro, mas depois vai e abraça e beija. Quando eu dou ginástica, relaxamento é uma coisa mais individualizada, mas quando é o coletivo a atitude de um do grupo influencia todo mundo, eu acho que é isso daí”. (Professora 2)

Podemos observar a coincidência das respostas entre alunos e professores, de forma que todos os aspectos citados pelos alunos também foram citados pelos professores. Isso nos mostra que ambos estão cientes da influência dos estados emocionais nas aulas, apesar de relatarem a mesma de uma forma mais geral e não específica sobre as emoções, suas origens e conseqüências sobre o comportamento. Thomas (1983) nos deixa claro que as emoções podem regular, dirigir e até modificar nossas ações, tanto de forma positiva, nos estimulando para a ação, quanto de forma negativa, nos inibindo para a mesma.

Além disso, as emoções expressadas por um aluno influenciam diretamente outros agentes envolvidos no ensino (professores e colegas), podendo determinar a ação e comportamento de ambos. O professor deve ter habilidade de lidar com as emoções, pois as crises emotivas das crianças podem transformar-se num meio de ação sobre a sala de aula, podendo gerar a redução ou a multiplicação das explosões emotivas dos alunos (ALMEIDA, 2001).

Um estudo realizado por Prodócimo (2003) sobre a manifestação das emoções em aulas de Educação Física demonstrou que emoções negativas, como a raiva, são comumente manifestadas na relação entre os alunos. Esse dado nos mostra a importância da intervenção docente, que deve propiciar interações positivas nas relações estabelecidas durante a aula, favorecendo o processo de aprendizagem e evitando que as ações dos alunos sejam impedidas por essas emoções negativas. Dessa forma, os alunos se sentem mais estimulados a participarem das aulas.

A última questão solicitou aos alunos que descrevessem se suas professoras se preocupavam em trabalhar com suas emoções durante as aulas e de que forma era feito esse trabalho. Dos 25 entrevistados, 15 perceberam essa preocupação por parte dos professores, sendo que 4 citaram o fato da professora realizar junto à atividade; 6 através da conversa; 3 pela motivação dada aos alunos individualmente e à classe, 3 pela observação e individualidade atribuída a cada aluno e 3 pelo contato entre professor e aluno, como nas declarações abaixo. Porém 10 alunos colocaram que raramente ocorre esse trabalho com as emoções.

- *“Se preocupa, observando cada um, o jeito de cada um, eu vejo que sempre que ela olha, ela anota, então ela tem uma noção do jeito de cada um. Até o jeito dela trabalhar com cada aluno, por exemplo, ‘Vou colocar ele em tal lugar porque se eu colocar ele pra lá vai dar problema’”. (Aluno 2)*

- *“Se preocupa. A primeira coisa é ela chegar disposta pra aula, porque o aluno já se modifica por dentro mentalmente e com o sentimento de cada aluno. (...) ela pára a aula, vê o que está acontecendo, ela faz o exercício, motiva a classe pra motivar aquele aluno, então ela trabalha bastante com isso”. (Aluno 8)*

- *“Mais ou menos, raramente ela conversa, mas não muito, só com as pessoas que ela já gosta”. (Aluno 9)*

Já para os professores foi questionado como era desenvolvido os aspectos emocionais em suas aulas. Ambos colocaram que se preocupam com o trabalho emocional das seguintes formas: as duas citaram a conversa como forma de desenvolver esse trabalho e colocaram que procuram motivar os alunos através das atividades; uma citou a utilização de exercícios holísticos como instrumento de trabalho das emoções, além da descrição dos alunos sobre o que sentem. Ainda um dos professores relatou que muitas vezes não percebe essa necessidade emocional dos alunos e deixa de lado o desenvolvimento afetivo-emocional dos mesmos.

- *“Pra diminuir a parte emocional, através de exercícios holísticos, assim que vejam o aluno como um todo: yoga, respiração, exercícios que trabalhem essa parte do medo... Não dá pra falar especificamente, mas toda essa parte que vê o aluno como um todo, trabalha as emoções. Agora, pra motivar eu uso o conteúdo das aulas: jogos, brincadeiras, jogos cooperativos, músicas, coisas que eles gostem. Então, tem que ter os dois lados. Mas, essa parte de respiração, yoga, meditação na aula, exercícios com os olhos fechados, eles vão perdendo o medo... conversa informal, o escrever como eles se sentem, tudo isso é fundamental”.*
(Professor 1)

- *“Aí já é complicado. Às vezes, eu passo por cima sem perceber o que está acontecendo e... mas, geralmente, a gente percebe com o passar do tempo. Conhecendo a classe você já consegue perceber quando entra como tá a situação, quando você já conhece o aluno. Quando eu comecei, eu não conhecia ninguém, então quando a gente começa, a gente já começa assim, com um pé atrás, sempre tem uma barreira, tal. Quando você conhece, entra no meio do aluno, você já percebe como eles estão. Aí, eu converso com eles quando tem alguma coisa que tá tendo problema, quando é no coletivo a gente senta e conversa, né. Depende muito da gravidade do problema, às vezes não convém conversar. (...) Não, eu não penso muito nesse lado. Quando vou montar uma aula eu penso mais em como os alunos vão receber isso, né. Vai estimular? Geralmente, eu penso na parte de estímulo. Será que vai ser*

interessante, estimulante? Porque eles estão numa escola que no período da tarde eles já estão cansados, então é diferente daquela turma que fica ou só de manhã ou só à tarde. Então, como eles ficam o dia todo aqui, eles ficam desestimulados, no segundo período, então eu penso mais em uma coisa que vai estimular, que vai fazer eles se mexerem. Mas eu, realmente, deixo um pouco de lado essa parte emocional, só se no momento acontecer, aí eu me tocar e vê que não tá dando certo, parar pra conversar e ver o que tá errado. Mas, quando eu tô montando uma aula, planejando, eu penso mais no que vai ser estimulante, no que eles vão aprender, numa coisa diferente que eles não viram ainda”.
(Professora 5)

Pelos depoimentos dos professores pudemos observar que há certa preocupação em trabalhar os aspectos emocionais durante as aulas, inclusive a utilização de exercícios holísticos, citada por um dos professores, tem sido estudada como forma de controle, em especial, da agressividade em escolares. Porém, o desenvolvimento emocional, além de pontual, deve ser contínuo. Isso significa que, é válido trabalhar com as emoções quando elas se manifestam durante as aulas, mas será que também não é preciso desenvolvê-las dia a dia através das atividades propostas? Pensar em maneiras de estimular e inibir certas emoções? Até mesmo, o professor adotar posturas e comportamentos que favoreçam o desenvolvimento emocional?

Nossos dados confirmam a afirmação de Prodócimo (2005) de que a falta de conhecimento sobre as emoções, por parte dos professores, é um dos pontos que dificultam uma solução mais efetiva nos casos; as dificuldades de lidar com as manifestações das emoções expressas pelas crianças (e até mesmo por nós, adultos), assim como trabalhar com este aspecto do ser humano no ambiente escolar são questões relevantes que permeiam a prática educacional.

Estudos realizados por Nista-Piccolo e Winterstein (1997 apud PRODÓCIMO, 2002) mostraram que muitas vezes os professores identificam quais emoções ocorrem em seus alunos durante as aulas, sendo as emoções positivas mais presentes que as negativas. Porém, em relação à frequência que se manifestam as emoções houve uma discordância, já

que os professores acreditavam que os alunos sentiam muito mais emoções negativas do que eles próprios relataram.

Esses autores ainda colocam que essa discrepância pode ser um indício de prejuízo na aprendizagem, pois pode interferir tanto no planejamento, como nos procedimentos de ensino do professor e até também em sua própria motivação da prática docente. Tais dados, somados aos resultados de nosso estudo, mostram que é importante para o professor não apenas identificar as emoções dos alunos, mas saber trabalhá-las e utilizá-las como conteúdo das aulas, incluindo esse objetivo em seu planejamento.

7- Conclusão

Depois de apresentados os resultados e as discussões dos dados, podemos chegar a algumas considerações finais:

A revisão de literatura permitiu que levantássemos informações importantes referentes às emoções de interesse a esse estudo; suas características principais; papel da educação no desenvolvimento emocional e, principalmente, a importância da Educação Física, enquanto componente curricular obrigatório, sobre a estimulação e trabalho dessas emoções. Foi possível também verificar o quanto tem sido negligenciado os aspectos emocionais do ser humano, dentro da escola, mantendo uma visão segregada do indivíduo.

A escola ainda privilegia o trabalho cognitivo dos alunos, atribuindo maior importância às inteligências lógico-matemática e verbal-linguística, esquecendo-se que emoção e cognição caminham junto e se ajudam mutuamente. A Educação Física também tem se preocupado mais com o desenvolvimento de habilidades físicas e motoras, não percebendo a relação existente entre corpo e mente, entre manifestação emocional e domínio corporal.

No entanto, ficou claro que tanto a escola quanto a Educação Física têm potencial para trabalhar os aspectos relativos às emoções, uma vez que as interações e situações vividas nesses ambientes favorecem a manifestação emocional.

Ficou evidente também o papel do professor como peça fundamental para o trabalho das emoções, facilitando e estimulando o processo de ensino-aprendizagem. O professor, além de identificar as emoções expressadas pelos seus alunos, deve conhecer de que forma trabalhá-las e não menosprezá-las ou ignorá-las, pois como já ressaltado anteriormente, é através do corpo que as emoções se expressam, o que atribui à Educação Física um meio de identificação dessas manifestações, podendo assim atuar de forma mais direta sobre os processos emocionais, uma vez que muitas vezes, em outras disciplinas, o controle

excessivo do corpo não permite que as emoções sejam manifestadas e a escola ainda tem negligenciado a emoção como um fator importante.

Ainda, deve adotar uma postura que favoreça um ambiente educacional agradável, estando ciente de que suas próprias emoções vão influenciar no comportamento de seus alunos. Ao proporcionar que o aluno se expresse e aprenda a manejar suas emoções, o professor demonstrará que se preocupa com o desenvolvimento integral dos mesmos. Atividades onde se estimula a participação ativa dos alunos como solução de problemas, criação de brincadeiras, ou alternativas para brincadeiras podem ser um caminho alternativo interessante para que isto aconteça.

Os dados aqui levantados nos mostraram que muitas dificuldades surgem no tratamento das emoções no ambiente escolar, em especial na Educação Física. Nas entrevistas coletadas vimos que alunos e professores concordam, de certa forma, em que situações se manifestam as emoções durante as aulas. Porém, não reconhecem claramente a importância de fatores como: a relação entre aluno e professor, influência das aulas sobre os aspectos emocionais e vice-versa, e papel do professor como facilitador para o desenvolvimento emocional.

A ansiedade é outro ponto de grande alerta já que os professores não sabem detectar nem trabalhar com esse estado emocional, isso se torna ruim quando sabemos que este é um estado emocional diretamente ligado com a performance da ação. Outro ponto importante que pode ser levantado através do estudo é a falta de afinidade entre professores e alunos, fato este que acaba proporcionando uma discordância em certos aspectos, já que o professor conhecendo um pouco mais os alunos, conseguem agregar as preferências deles em sua sequência pedagógica, motivando seus alunos em todas as atividades propostas.

É importante que a escola e seus professores busquem que o aluno desenvolva um maior conhecimento de si próprio, possibilitem diversificadas formas de atuação dos mesmos, propiciem a expressão de suas próprias emoções e também das do outro, que permitam que os alunos conheçam suas possibilidades de ação, conheçam as emoções e formas de manifestações das mesmas (em si e no outro). É necessário que, acima de tudo, o professor acompanhe e respeite cada um desses passos.

Educando desta forma poderá trabalhar com as mais diferentes manifestações emocionais de seus alunos, assumindo seu papel por completo no processo de ensino-

aprendizagem. O estudo das emoções dentro do ambiente escolar ainda se apresenta muito incompleto, é preciso investigar e analisar mais profundamente as relações existentes entre aprendizagem e emoção, em particular, nas aulas de Educação Física, que é o campo de nosso interesse.

Sugerimos então uma maior estruturação nas grades curriculares vigentes, visando um melhor preparo dos profissionais licenciados com relação à parte emocional de seus alunos, tornando-se parte deste currículo a disciplina de psicologia do esporte, já poderíamos observar algumas mudanças no modo de como o profissional encara as emoções e a presença delas em sua aula. Outro importante ponto a ser levantado é a diferença de linguagem de professor e aluno, fato este que distancia o professor de seu aluno, talvez uma reciclagem periódica destes profissionais seria um ponto a ser pensado, para que estes possam cada vez mais se aproximar da linguagem, das manias e dos assuntos de seus alunos, facilitando a interação entre eles.

8- Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. 2ª ed. São Paulo: Papirus, 2001. 112p.
- ARRUDA, L. A importância da inteligência emocional na Educação Física Escolar. **Pesquisa em Educação Física**. Jundiaí, v. 1, n. 1, p. 157, Jun. 2003.
- BARBALET, J. M. **Emoção, teoria social e estrutura social**: uma abordagem macrosocial. Tradução: P. Taipas. Lisboa: Piaget, 1998. Coleção: Epistemologia e sociedade. p. 123-151 e 217-244.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologia**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1995.
- BOUTCHER, S. Emotion and aerobic exercise. In: SINGER, R.N; MURPHERY, M; TENNANT, L.K. **Handbook of Research on Sport Psychology**. p. 799-814, 1991.
- BRACONNIER, A. **O Sexo das emoções**: Epigênese e desenvolvimento. Tradução: L. Martinho. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 35-79.
- CIRULLI, A. A. **A motivação nas aulas de Educação Física Escolar**. 1994. 74f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física)- Instituto de Biociências, Universidade estadual Paulista, Rio Claro, 1994.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S. A, 2005. Educação Física no Ensino Superior. 293p.
- FIGUEIREDO, C. N.; PRODÓCIMO, E. A influência da atitude do professor na relação aluno-professor. **Revista Motriz**. Rio Claro, v.11, n. 1 (supl.), p. S71, Jan.- Abr. 2005.
- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. 2.ed. São Paulo: Scpione, 1991.
- FRIEDRICH, G.; PREISS, G. Educar com a cabeça. **Viver: mente e cérebro. Revista de psicologia, psicanálise, neurociência e conhecimento**. Ano XVI, n. 159, p. 50-57, Abr. 2006.
- GUDÍN, M. Cerebro y afectividad. Barañain: EUNSA. Outubro, 2001. P.161
- JAEGER, A. A. et al. Agressividade escolar. **Revista Kinesis**. n.18, p. 51-75, 1997.

- LA TAILLE, Y. de. **Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LEAL, G. Aprender a ensinar. **Viver: mente e cérebro. Revista de psicologia, psicanálise, neurociência e conhecimento**. Ano XVI, n. 159, p. 41- 49, Abr. 2006.
- LELORD, F.; ANDRÉ, C. **A força das emoções**. Tradução de A. Moura. Cascais: Pergaminho, 2002. p. 221-249, 157-185.
- MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte: temas emergentes I**. Jundiaí: Ápice, 1997, p.167-191.
- MACHADO, A. A; CALABRESI, C.A.M. **Atletas Jovens e suas tensões psicológicas: constatações**. Coleção Pesquisa em Educação Física, 2003, p. 64-67.
- MACHADO, A. A. **Psicologia do Esporte: da educação física escolar ao esporte de alto nível**. 1º ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p.308
- MAGGIL, R. A. **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações**. Tradução de E. Gerhard. São Paulo: Edgar Blücher, 1984. p. 237-242.
- MAUSS, I. A tormenta da ira. **Viver: mente e cérebro. Revista de psicologia, psicanálise, neurociência e conhecimento**. Ano XVI, n. 158, p.48-55, Mar. 2006.
- PRODÓCIMO, E. **As emoções na Educação Física Escolar**. 2002, 222f. Tese (Doutorado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2002.
- REBUSTINI, F.; MORENO, R. M.; SOUZA, R. B.; MACHADO, A. A. Estados de humor e percepção de bem-estar: um estudo com jovens mulheres voleibolistas. **Lectures Educación Física y Deportes**, Argentina, n.86, 2005. Disponível em: <www.efdeportes.com> Acesso em: 05 dez. 2005.
- SCHREIBER, M. B.; SCOPEL, E .J.; ANDRADE, A. A abordagem holística no contexto da agressividade de crianças em Educação Física. **Lectures Educación Física y Deportes**, Argentina, n.86, 2005. Disponível em: <www.efdeportes.com> Acesso em: 05 dez. 2005.
- SCOZ, B. J. L. et al. **Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional**, Porto Alegre : Artes médicas, 1987.
- SILVEIRA, C. I. **Comportamento Agressivo na Percepção de Alunos de Educação Física**. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Educação Física) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2003.
- SISTO et al. **Atuação psico-pedagógica e aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p.175-195.

SOBRINHO, L. G. P.; MELLO, R. M. Influências de pais, técnicos e torcida. In: MACHADO, A.A. (org). **Psicologia do esporte**: temas emergentes I. Jundiaí: Ápice, 1997, p. 57-80.

THOMAS, A. **Esporte**: introdução à psicologia. Tradução: Profª. M. Lenk. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983. Coleção Educação Física: Série Fundamentação, v. 2. p.184-199.

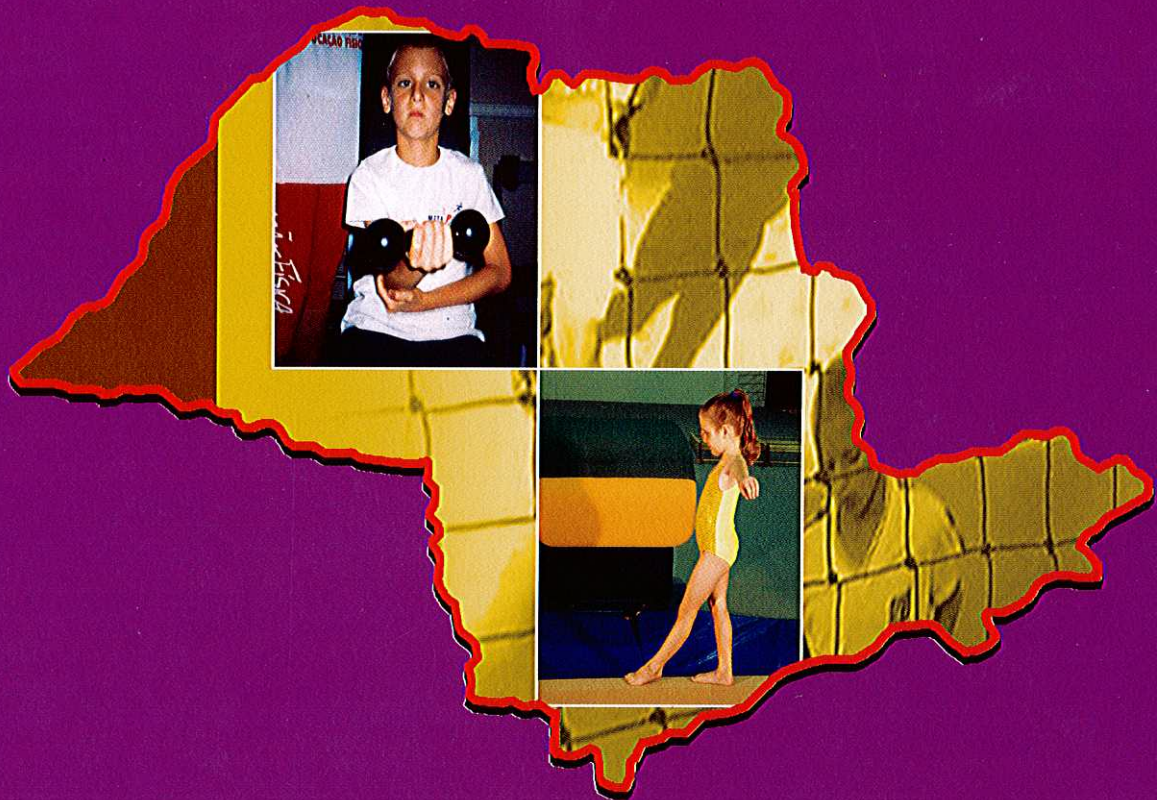
Anexo

Artigo originado da pesquisa em questão, publicado em Revista Indexada

Coleção Pesquisa em
Educação Física

Volume 8, número 2, 2009

ISBN: 1981-4313



ISSN 1981-4313

Pesquisa em Educação Física

Volume 8, número 2, 2009

ISSN: 1981-4313



Jundiaí/SP – Brasil
2009

ÍNDICE

- A brincadeira noturna como possibilidade de aprendizagem	7
- A decisão pela Educação Física: o que muda no decorrer da graduação?	13
- A Educação Física na proposta curricular do Estado de São Paulo: desafios, entraves e contradições na prática escola	19
- A expansão do ensino da Educação Física na Bahia: uma análise de suas principais motivações	25
- Análise da divergência entre a demonstração e a instrução verbal na aquisição do lançamento do dardo de salão com crianças	33
- As tecnologias da informação e comunicação (TIC) na Educação Física: possibilidades de encontro	39
- Corpo e movimento na dança de salão: discussão sobre gênero	45
- Desenvolvendo métodos de avaliação do desempenho motor	53
- Educação Física e autoconceito: relação dos contextos importantes na formação do autoconceito infantil	59
- Educação Física escolar e dança: uma proposta de intervenção	67
- Educação Física para a autonomia: construção de possibilidades metodológicas	75
- Entre as atividades curriculares e extracurriculares: a atuação do professor de Educação Física em escolas da rede pública de ensino de Minas Gerais	83
- Estados emocionais e Educação Física escolar: considerações iniciais à luz de uma Psicologia bioecológica	89
- Estudo comparativo entre a percepção dos professores do ensino fundamental e médio quanto ao objetivo do trabalho a ser desenvolvido nas aulas de Educação Física escolar	97
- Fatores que influenciam na motivação dos professores de Educação Física que atuam nas instituições estaduais de ensino do bairro Campo Grande na cidade do Rio de Janeiro-RJ	105
- Formação de professores para o ensino dos esportes coletivos	113
- Imagem corporal em crianças na idade escolar	121
- Implicações do esporte educacional no desempenho escolar de alunos do ensino fundamental	129
- Indicativos que justificam uma Educação Física participada e planejada: uma investigação no ensino médio	137
- Iniciação esportiva no basquetebol: uma análise da prática pedagógica dos professores	145
- Jogando com o pensamento lógico-matemático em aulas de Educação Física: uma proposta transdisciplinar	151
- Motivação e Educação Física escolar: diferenças de gênero	157
- O desinteresse dos alunos do ensino médio pelas práticas de Educação Física escolar	163
- O perfil do professor de Educação Física no trabalho em academias	171
- O teste KTK na avaliação da coordenação motora de pessoas com deficiência auditiva	177
- Olhares sobre as relações de gênero na prática do futsal na Educação Física escolar	183
- Perspectiva lúdica no processo de ensino-aprendizagem do tênis para crianças na faixa etária de 4 a 6 anos	191
- Relação entre percepção de competência e o nível de competência motora em adolescentes do ensino fundamental	199

ESTADOS EMOCIONAIS E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONSIDERAÇÕES INICIAIS À LUZ DE UMA PSICOLOGIA BIOECOLÓGICA

Franz Fischer¹, Afonso Antonio Machado², Marta Aurélia Campos Silveira³,
Renato H. Verzani⁴

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar a percepção da importância da Psicologia do Esporte para professores, verificando a relação entre os tópicos estudados pelos pesquisadores da Psicologia do Esporte e a sua real demanda no esporte. A amostra foi de 10 alunos e 02 professores de escola pública. Foi aplicada uma entrevista. A maioria dos alunos considera os temas estudados na Psicologia do Esporte importantes ou muito importantes. Podemos concluir que independente da idade a Psicologia do Esporte é muito importante para auxiliar os professores. São necessários futuros estudos a fim de verificar as diferenças entre professores e alunos e se há diferença entre o que se estuda na teoria e o que se necessita na parte prática.

Palavras chave: Psicologia do esporte, importância, professores.

ABSTRACT

The aim of this research was to analyze the perception Sport Psychology importance for PE teachers, verifying the relationship among the topics studied by Sport Psychology and their necessity. The sample was composed by 10 students and 02 public school's teachers. It was applied a general interview. Most of the students considered the themes studied in the Sport Psychology important or very important. We can conclude that independently from age Sport Psychology is very important to help teachers. It is necessary futures studies to verify the differences between students and teachers point of view and differences between theory and practice in Sports Psychology.

Key words: Sport Psychology, importance, teachers.

INTRODUÇÃO

A Educação Física, como um componente educacional, se relaciona com os aspectos fundamentais do ser humano, contribuindo assim para a sua formação nos diferentes domínios: cognitivo, afetivo-social e motor. O movimento e a linguagem corporal permitem ao ser humano se comunicar e expressar suas emoções, o que atribui à Educação Física uma responsabilidade ainda maior sobre o desenvolvimento emocional dos alunos, já que nessas aulas o corpo se apresenta com maior liberdade, diferente das outras disciplinas, nas quais os alunos encontram-se "presos" em suas carteiras e impossibilitados de se expressarem. Somando-se a isso, as diversas situações presentes nessas aulas favorecem o surgimento dos mais diferentes processos emocionais.

A escola como instituição educadora deveria propiciar também o desenvolvimento afetivo-social do aluno (sentimentos e emoções), e a Educação Física Escolar, juntamente com as outras disciplinas, desempenha um importante papel nesse ponto, já que de acordo com inúmeros autores o conteúdo emocional pode ser estimulado através de "treinamento, de desenvolvimento e de educação". (MOSCOVICI, 1997 apud PRODÓCIMO, 2002).

Por isso, torna-se essencial a discussão sobre as emoções e a importância do ensino e da educação (de forma geral) para um maior conhecimento e controle emocional dos alunos. Nesse trabalho, levantamos questões referentes a alguns estados emocionais e sua relevância na Educação Física Escolar, bem como o desenvolvimento dessas emoções através dos conteúdos propostos, metodologias utilizadas e postura adotada pelo professor frente aos alunos. Discutimos comportamentos como o medo, ansiedade, autoconfiança, vergonha, motivação e agressividade nas

aulas de Educação Física Escolar, abordando conceitos e definições de cada um desses estados, pontuando as possíveis causas de sua manifestação durante as aulas e atribuindo sua importância na educação escolar.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nosso estudo teórico terá como estofo a literatura nacional e internacional adotada para o estudo dos estados emocionais, dando preferência àquilo que mais se aproximar do esporte como um fenômeno espetacular, que leva multidão aos campos ou a frente de órgãos midiáticos, para acompanhá-lo. Esta escolha se deu em função de procurarmos tratar do fenômeno esportivo com a propriedade adequada aos movimentos humanos de repercussão no século XXI.

EMOÇÕES

Os aspectos psicossociais e emocionais do ser humano, assim como outros aspectos, são fundamentais na determinação da qualidade de vida e na relação do indivíduo com o mundo. O controle e a estimulação devida de determinadas emoções e sentimentos são de suma importância para o bem-estar do indivíduo, e a educação escolar pode propiciar essas ações.

Boutcher (1991 apud REBUSTINI et al., 2005) define a emoção como um processo complexo que possui componentes cognitivos, psicológicos, comportamentais e experimentais, e diz que a emoção é um fenômeno multidimensional que exerce inúmeras influências sobre o funcionamento humano. As conseqüentes reações impostas pela emoção acarretam em melhoria ou não da condição do indivíduo.

De acordo com Machado e Calabresi (2003) uma emoção é provocada por um estímulo externo. Estes autores ainda abordam que uma função relevante da emoção é seu efeito regulador sobre o comportamento. As emoções influenciam nossa ação como reação e estímulo desencadeantes da ação, e as emoções provocam ações com objetivos de diminuição da tensão emocional.

Dessa forma, o controle emocional é essencial para a vida. Saber expressar tanto emoções positivas quanto negativas auxilia o convívio do indivíduo com seu meio social. A repressão de emoções, principalmente negativas, pode tornar o sujeito mais pessimista, depressivo, inseguro, dificultando seus relacionamentos interpessoais.

EMOÇÃO E EDUCAÇÃO

Nossos processos emocionais, durante toda a vida, são moldados, estimulados e inibidos de acordo com o contexto e ambiente em que vivemos. A família e a escola, com certeza, são responsáveis por boa parte dessa formação emocional, pois nesses ambientes sofremos influências de diferentes agentes: pais, colegas, professores etc. e nessas relações sociais as emoções são modificadas, transformadas, através das trocas e interações que se dão entre os indivíduos.

Durante o desenvolvimento das emoções o contexto familiar é essencial, pois é o primeiro ambiente de convívio da criança. Desde o nascimento são atribuídas aos indivíduos emoções diretamente ligadas ao seu gênero e este fato pode ter forte interferência nas relações futuras deste indivíduo com o mundo. Por exemplo, as meninas são tratadas como mais sensíveis, mais ansiosas, mais carinhosas, os meninos como mais agressivos, mais fortes, e esses estereótipos culturais são atribuídos ao longo dos anos.

Estudos comprovaram que a diversificação das atividades e a co-educação pode ser um caminho para o trabalho das emoções, já que as crianças sofrem grande influência dos estereótipos culturais já citados, e as próprias aderem a essas representações sociais. A convivência com crianças do mesmo sexo reforça e consolida certas emoções não permitindo o desenvolvimento de emoções atribuídas ao outro sexo. Por isso, é de suma importância que as crianças dos dois sexos

sejam educadas em conjunto, que participem das mesmas brincadeiras e façam parte do mesmo grupo de amigos, cabendo aos pais e aos professores permitirem e estimularem essa interação.

A família é o primeiro vínculo afetivo e social da criança e a "matriz dos pré - requisitos necessários para a aprendizagem e adaptação escolar"(FICHTNER apud SCOZ, 1987). Por exemplo, a dependência extrema dos filhos dificulta sua individualização e isto prejudica seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor. Pais excessivamente severos nas punições e nas exigências podem provocar uma diminuição na auto-imagem do aluno e uma ansiedade diante do medo de fracassar. Já pais encorajadores, estimulam seus filhos a serem mais confiantes e ultrapassarem suas dificuldades.

De acordo com Arruda (2003) o ambiente escolar é um laboratório de vivências para a infância e juventude, nele estão refletidos todos os padrões de experiências emocionais - de amor, ódio, cooperação, competição, medo, raiva, amizade – que delineiam a formação emocional das pessoas.

Assim, se torna clara a importância das emoções na educação escolar, inclusive como facilitadoras da aprendizagem. Por isso, a escola, tendo uma função educadora, deve desenvolver e envolver convenientemente os processos emocionais, através de atividades e condutas que estimulem o trabalho e a manifestação adequada das emoções. Dessa forma, desde o conteúdo proposto até a relação entre professor e aluno podem propiciar e auxiliar o desenvolvimento do domínio afetivo-social das crianças.

EDUCAÇÃO FÍSICA, EMOÇÃO E EDUCAÇÃO

A aprendizagem ocorre da integração entre corpo e mente, por isso movimento e emoção são considerados, por muitos estudiosos, os pilares da educação. A Educação Física tem como principal objetivo o movimento humano nas suas diferentes manifestações. Porém, nenhum movimento ocorre sozinho, toda ação tem uma intenção seja ela expressiva ou funcional, não podemos ignorar as múltiplas dimensões do ato motor. Emoção e movimento apresentam uma relação de reciprocidade, assim a atividade do tônus muscular permite, além da exteriorização dos estados emocionais, a tomada de consciência dos mesmos pelo sujeito (ARRUDA, 2006).

Para Almeida (2001), o corpo é, por assim dizer, o instrumento de trabalho das emoções. Ele tem a propriedade de absorver as formas imprimidas pela emoção. Portanto, com essa sensibilidade para expressar as reações de ordem afetiva, o corpo assume a função de veículo das emoções no meio social. Essa autora ainda cita que, de acordo com Wallon (1971) os movimentos, como expressões de natureza afetiva, podem gerar emoções e ser resultado delas. Os movimentos podem ser indicadores de estados emocionais que devem ser levados em conta no contexto de sala de aula, tanto o excesso quanto a ausência deles podem revelar a presença de determinadas emoções.

Dessa forma, a Educação Física representa um enorme campo de manifestação das emoções, uma vez que trabalha com a educação do movimento, pelo o movimento e para o movimento. Além disso, o esporte é capaz de promover a manifestação e surgimento de diversas emoções em todos os envolvidos nesse fenômeno.

De acordo com Thomas (1983) pode-se constatar que o esporte representa um campo de ação rico em processos emocionais onde as emoções podem alcançar intensidades extremamente elevadas. Isso se aplica tanto ao esporte de competição de alto nível como à Educação Física ou ao esporte de lazer. A forma específica da personalidade da vivência e absorção das emoções, a importância do objetivo da ação almejada, a situação da ação e a avaliação subjetiva dos resultados da ação determinam o tipo e a intensidade dos processos emocionais ocorrentes.

Assim, o professor deve interferir e trabalhar com o desenvolvimento emocional durante as atividades, motivando o aluno a tentar, tornando a atividade prazerosa e incentivando o respeito entre os alunos, não permitindo que, por exemplo, o erro de um aluno seja motivo de vergonha para o mesmo. Além disso, as condutas e atitudes desenvolvidas no esporte escolar desempenham um papel fundamental, não só no ambiente esportivo, mas em outros meios de convivência do aluno.

CARACTERÍSTICAS DAS EMOÇÕES E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A ação esportiva, tanto escolar quanto competitiva, propicia a manifestação de diversas emoções. O simples fato de ouvir, por exemplo, um jogo de futebol pelo rádio desperta diferentes sensações em seus ouvintes. No decorrer do jogo, o narrador é capaz de transmitir ansiedade, agressividade, estresse, angústia aos que estão escutando o evento esportivo. O mesmo ocorre em aulas de Educação Física, onde o aluno ao se expor aos colegas, durante a realização de um exercício, por exemplo, manifesta diversos sentimentos, como a vergonha, medo de errar entre outros.

Classificar os processos emocionais é um trabalho difícil, uma vez que vários autores apresentam distintos critérios para isso. Utilizaremos aqui a forma sugerida por Krech/ Crutchfield (1986 apud THOMAS, 1983) que classificam as emoções de acordo com as características típicas da situação em que se baseiam. As emoções estudadas nesse trabalho são classificadas da seguinte forma: Sentimentos primários: medo (ansiedade); Sentimentos com base na auto-avaliação: vergonha, autoconfiança; Sentimentos dirigidos a outras pessoas: agressividade; disposição; motivação.

A seguir, baseados em diferentes autores, definimos e discutimos cada um desses estados emocionais, analisando sua importância e sua influência na ação esportiva, bem como o papel da Educação Física Escolar no trabalho e desenvolvimento dos mesmos.

Iniciaremos pelo medo que é caracterizado como uma emoção fundamental (primária) e de perigo, de forte impacto fisiológico (ativa o sistema nervoso simpático e aumenta os níveis de adrenalina e noradrenalina), que prepara o indivíduo para uma ação física, e muitas vezes é uma emoção inconsciente. O medo apresenta uma dupla contrariedade: não ter medo suficiente torna a vida muita arriscada, mas o medo em excesso também limita as probabilidades de sobrevivência. Mais que um estado de espírito, o medo é químico. Desde que seja real e direto, é perfeitamente normal e ajuda a nos protegermos.

O medo surge frequentemente em contextos sociais onde não se pode simplesmente fugir da fonte de medo, e ameaça não o bem-estar individual (a integridade do ser como um organismo), mas o bem-estar social (a integridade do ser relativamente à posição dos outros). A sua causa deve ser entendida dentro do contexto em que essa emoção surge. A origem do medo está associada à insuficiência de poder ou excesso de poder dos outros. Quando o responsável, pela insuficiência de poder do sujeito, é o outro é provável que se verifique luta em vez de fuga (KEMPER, 1978 apud BARBALET, 1998).

Uma vez que a pessoa aprende a se sentir amedrontada em relação a algo, tende a associar um sentimento de pavor a essa experiência, que ficou armazenada na memória. Porém, o contrário também pode ocorrer, ou seja, ao aprender a controlar esse sentimento, saberá como reagir quando situações semelhantes acontecerem.

Propiciar que o aluno aceite, entenda, e tolere um certo grau de medo; desenvolver junto com ele meios de controle desse processo emocional (através de informações, métodos distintos, relaxamento etc.); estimulá-lo a enfrentar esse sentimento (pontuando os riscos reais) de forma progressiva e voltar às origens dessa emoção são condutas que podem ajudar o aluno a gerir seu medo nas aulas.

Entendemos que a ansiedade seja a resposta emocional determinada de um acontecimento, que pode ser agradável, frustrante, ameaçador, entristecedor e cuja realização ou resultado depende não apenas da própria pessoa, mas também de outros ou de situações. Ela inclui manifestações somáticas e fisiológicas do organismo. Outras abordagens a relacionam com uma expectativa de perigo, insegurança, ameaça ou desafio de um objeto por vezes vago, criado no psicológico do indivíduo.

A ansiedade pode muitas vezes ser confundida com o medo, ambas emoções envolvem padrões fisiológicos e psicológicos que são desagradáveis e provocam tensões, porém a ansiedade é um estado emocional de antecipação do perigo, o qual não se apresenta de forma clara, sendo uma emoção mais difusa. Uma pequena ansiedade tem características construtivas, estimulando a

criatividade, enquanto uma grande ansiedade provoca uma sensação de desamparo, tornando a pessoa ineficaz (CALHOUN apud MACHADO, 2006).

A ansiedade está tipicamente relacionada ao desempenho de uma atividade, sendo que diferentes níveis de ansiedade ou nervosismo têm efeitos diferentes no desempenho de uma pessoa em tal situação. A relação entre nível de ansiedade e desempenho se baseia na teoria do U invertido, isto é, tanto os níveis muito baixos como os níveis elevados de ansiedade resultam em um desempenho igualmente reduzido.

Por isso, a informação acerca dos níveis individuais de ansiedade se torna útil à medida que permite aos professores tentarem determinar o que é necessário se aplicar em um indivíduo em certas situações. Se o nível de ansiedade for muito elevado, poderiam ser aplicados procedimentos para acalmarem o indivíduo ou atividades mais simples, ao contrário se os níveis forem excessivamente baixos é necessário estimular o indivíduo para a tarefa em questão como, por exemplo, com atividades mais complexas.

Sendo assim, o professor deve ter como objetivo o desenvolvimento de um nível de ansiedade ótimo para a tarefa em questão, otimizando o desempenho de seus alunos, intervindo adequada e precisamente para garantir um estado emocional favorável ao grupo, de modo que seus alunos possam analisar os fatos e estabelecer comparações e critérios.

Segundo Lelord & André (2002) a vergonha vem a ser um sentimento penoso de inferioridade, indignidade e de diminuição na opinião dos outros. Pode ser proveniente de várias fontes, por exemplo, o sentimento de não ser como os outros são (fisicamente, socialmente, profissionalmente etc.), sentir-se culpado por algum acontecimento (culpabilidade), ser pego fazendo algo errado etc. Porém, a vergonha é um excelente regulador de nossos comportamentos sociais, servindo para proteger a nossa identidade no grupo, impedindo-nos de transgredir determinadas normas.

Por se tratar de uma emoção de auto-avaliação, a vergonha é um sentimento de queda original, não porque se tenha cometido uma falta, mas simplesmente pelo fato de "cair" frente aos outros. Trata-se de um sentimento de insegurança provocado pelo medo do ridículo ou de uma situação embaraçosa, que compromete o relacionamento social do indivíduo.

Esse processo se instala a partir do momento que somos observados e julgados pelos nossos pares, ou então por nós mesmos, e que os resultados de nossas ações será a medida para que estejamos sofrendo comparações com nossos rendimentos anteriores ou de outros. Medo, ansiedade e vergonha se associam.

Em aulas de Educação Física, comumente os alunos sentem vergonha de fracassar frente aos colegas, vergonha de não ser habilidoso como os outros alunos, vergonha de se expor, vergonha de realizar determinada atividade, vergonha de se sentir humilhado etc. evitando a prática das aulas para fugir dessas situações.

É necessário que o professor estimule a participação de seus alunos frente às situações que eles julguem vergonhosas, refletindo as causas de sua manifestação e desenvolvendo sua autoconfiança, que se apresenta como um importante inibidor do sentimento de vergonha, devendo assim ser explorada nas aulas.

A agressividade está freqüentemente presente nas escolas, em especial nas aulas de Educação Física, e a manifestação desse sentimento no meio escolar vem sendo estudada por muitos pesquisadores.

De acordo com Mussem et al (apud SILVEIRA, 2003) citado por Schreiber et al. (2005), a agressão pode ser definida como um comportamento que ofende ou tem o potencial para ofender uma outra pessoa ou objeto. Pode ser um ataque físico (bater, dar pontapés, morder), ataque verbal (gritar, xingar, depreciar), violação dos direitos alheios. A agressão está relacionada com a intenção de causar danos à outra pessoa ou objeto, levando em conta a intenção do agente. Este comportamento nocivo aos outros é considerado agressão, principalmente quando a criança está consciente da sua capacidade de ferir alguém.

Para Schreiber et al. (2005) os fatores que desencadeiam as brigas e discussões surgem muito cedo entre as crianças, seja no ambiente familiar ou escolar. Estes fatores são considerados manifestações espontâneas da vontade de apropriar-se de objetos ou de um território, de impor suas idéias e com frequência à maneira mais comum que a criança encontra para mediar seus conflitos; surge então o comportamento agressivo.

O professor deve estar ciente que essas manifestações agressivas (pancadarias, torcidas organizadas, a polícia, invasões dos campos etc.) tão vistas nos eventos esportivos, com certeza, serão levadas pelos alunos às aulas de Educação Física e deverão ser trabalhadas adequadamente.

METODOLOGIA

Em nossa pesquisa de campo adotamos os procedimentos de uma pesquisa qualitativa; dessa forma, optamos pela aplicação de entrevistas semi-estruturadas, totalizando 10 questões para cada sujeito. De acordo com Bonow (1972) a entrevista é uma técnica de obtenção direta de dados que permite não só uma visão geral das características do indivíduo (atitudes, sentimentos, interesses, necessidades, aspirações etc.) como também de seu ambiente social (família, escola, trabalho etc.). Nosso instrumento foi balizado por um conjunto de três professores doutores do Departamento de Educação Física da UNESP- Rio Claro, que deu aval à aplicação da mesma, atendendo aos padrões de pesquisas científicas.

Este estudo teve por interesse: identificar em que contexto ocorre a manifestação dos estados emocionais na Educação Física Escolar, especificamente do medo, ansiedade, autoconfiança, vergonha, motivação, e agressividade na situação de aula, verificar a intervenção docente quando da manifestação desses estados, analisar a visão de alunos e professores em relação às emoções e a Educação Física e sugerir, aos professores, algumas formas de atuação, no desenvolvimento emocional de seus alunos.

Participaram da pesquisa 10 alunos e 2 professores do Ensino Fundamental, especificamente 8ª séries, de uma escola pública da cidade de Rio Claro, interior do Estado de São Paulo, à 150 km de distância de Campinas e 32 km de Piracicaba, os grandes centros regionais. Os sujeitos tiveram seus nomes preservados, como exigência de padrões vigentes nos comitês de ética.

Após a coleta, os dados foram tabulados e categorizados, isto é agrupados em proximidades temáticas, em suas convergências ou mesmo divergências, tendo como suporte a literatura utilizada na pesquisa. Assim, as respostas foram classificadas de acordo com seus graus de incidência e importância.

CONCLUSÕES

Como já citado, a família forma o primeiro vínculo afetivo da criança. A princípio, os pais serão os grandes responsáveis pela formação de seus filhos, e serão por eles vistos como líderes (referência) da interação social estabelecida ali. A interação social é definida como uma relação entre pessoas, de maneira que o comportamento de uma constitui ou serve de estímulo para o comportamento da outra (DARIDO & RANGEL). Isso ocorre nas relações entre pais e filhos, professores e alunos, atletas e técnicos, colegas de turma etc.

No momento em que a criança em idade escolar, por meio das ações do professor e das novas amizades, desliga-se das interferências familiares e rompe com o modelo de educação que recebia em casa, por consequência passa a sofrer as influências desse novo núcleo de convivência que é a escola (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 1995), momento em que experimenta as emoções acima estudadas, com maior intensidade.

Nesse meio, passará a respeitar novas regras e limites, ter novas interações sociais, liderados por outras pessoas, e não mais pelos pais. Na escola, o aluno terá como modelo de referência para a sua formação o professor, que representará a instituição educacional, porém é importante ressaltar que pais e mestres se completam na educação da criança. O primeiro é

responsável pela educação ampla, irrestrita enquanto ao segundo cabe a educação escolarizada, acompanhada de seus valores morais e sociais e a intervenção direta em ações que manejam adequadamente as emoções..

A relação professor-aluno depende dos anseios, desejos, objetivos e necessidades de cada um, podendo então haver um nível de interação muito alto até simplesmente não haver interação, se um não conseguir suprir os interesses do outro, por diversos motivos. Quando isso ocorre, há apenas um relacionamento profissional, que permite um avanço técnico-pedagógico, ou seja, que garante a transmissão e recepção do conhecimento, porém compromete o avanço no aspecto humano da relação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. A emoção na sala de aula. 2ª ed. São Paulo: Papirus, 2001. 112p.
- ARRUDA, L. A importância da inteligência emocional na Educação Física Escolar. **Pesquisa em Educação Física**. Jundiaí, v. 1, n. 1, p. 157, Jun. 2003.
- BARBALET, J. M. **Emoção, teoria social e estrutura social**: uma abordagem macrosocial. Tradução: P. Taipas. Lisboa: Piaget, 1998. Coleção: Epistemologia e sociedade. p. 123-151 e 217-244.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologia**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1995.
- BOUTCHER, S. Emotion and aerobic exercise. In: SINGER, R.N; MURPHY, M; TENNANT, L.K. **Handbook of Research on Sport Psychology**. p. 799-814, 1991.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S. A, 2005. Educação Física no Ensino Superior. 293p.
- FIGUEIREDO, C. N.; PRODÓCIMO, E. A influência da atitude do professor na relação aluno-professor. **Revista Motriz**. Rio Claro, v.11, n. 1 (supl.), p. S71, Jan.- Abr. 2005.
- LA TAILLE, Y. de. **Moral e Ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LEAL, G. Aprender a ensinar. **Viver: mente e cérebro. Revista de psicologia, psicanálise, neurociência e conhecimento**. Ano XVI, n. 159, p. 41- 49, Abr. 2006.
- LELORD, F.; ANDRÉ, C. **A força das emoções**. Tradução de A. Moura. Cascais: Pergaminho, 2002. p. 221-249, 157-185.
- MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte**: temas emergentes I. Jundiaí: Ápice, 1997, p.167-191.
- MACHADO, A. A; CALABRESI, C.A.M. **Atletas Jovens e suas tensões psicológicas**: constatações. Coleção Pesquisa em Educação Física, 2003, p. 64-67.
- MACHADO, A. A. **Psicologia do Esporte**: da Educação Física escolar ao esporte de alto nível. 1º ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p.308
- MAGGIL, R. A. **Aprendizagem motora**: conceitos e aplicações. Tradução de E. Gerhard. São Paulo: Edgar Blücher, 1984. p. 237-242.
- PRODÓCIMO, E. **As emoções na Educação Física Escolar**. 2002, 222f. Tese (Doutorado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2002.
- REBUSTINI, F.; MORENO, R. M.; SOUZA, R. B.; MACHADO, A. A. Estados de humor e percepção de bem-estar: um estudo com jovens mulheres voleibolistas. **Lectures Educación Física y Deportes**, Argentina, n.86, 2005. Disponível em: <www.efdeportes.com> Acesso em: 05 dez. 2005.

SCHREIBER, M. B.; SCOPEL, E .J.; ANDRADE, A. A abordagem holística no contexto da agressividade de crianças em Educação Física. Lectures **Educación Física y Deportes**, Argentina, n.86, 2005. Disponível em: <www.efdeportes.com> Acesso em: 05 dez. 2005.

SCOZ, B. J. L. et al. **Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional**, Porto Alegre : Artes médicas, 1987.

SILVEIRA, C. I. **Comportamento Agressivo na Percepção de Alunos de Educação Física**. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Educação Física) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2003.

SISTO et al. **Atuação psico-pedagógica e aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p.175-195.

SOBRINHO, L. G. P.; MELLO, R. M. Influências de pais, técnicos e torcida. In: MACHADO, A.A. (org). **Psicologia do esporte: temas emergentes I**. Jundiaí: Ápice, 1997, p. 57-80.

THOMAS, A. **Esporte: introdução à psicologia**. Tradução: Profa. M. Lenk. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983. Coleção Educação Física: Série Fundamentação, v. 2. p.184-199.

¹ Bolsista PIBIC, membro do LEPESPE

² Orientador e coordenador do LEPESPE/IB/UNESP-Rio Claro

³ Bolsista da Sec Saúde do Estado do Maranhão, membro do LEPESPE

⁴ Bolsista de IC- LEPESPE